



**PROJETO PRELIMINAR DE INTERIORES:
CRIANDO UM AMBIENTE EDUCATIVO EM UMA
INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO INFANTIL
FICTÍCIA PARA MENINAS EM MACEIÓ - AL.**



"A CRIANÇA É A ALEGRIA COMO O RAIOS DE SOL E
ESTÍMULO COMO A ESPERANÇA."





INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS – IFAL

CAMPUS MACEIÓ

**COORDENAÇÃO DE CURSOS SUPERIORES – COORDENAÇÃO DE
DESIGN CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN DE INTERIORES**

ADRYELE ARAÚJO TRINDADE

**PROJETO PRELIMINAR DE INTERIORES: CRIANDO UM AMBIENTE
EDUCATIVO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO INFANTIL FICTÍCIA
PARA MENINAS EM MACEIÓ - AL.**

MACEIÓ - AL

2025

ADRYELE ARAÚJO TRINDADE

PROJETO PRELIMINAR DE INTERIORES: CRIANDO UM AMBIENTE
EDUCATIVO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO INFANTIL FICTÍCIA
PARA MENINAS EM MACEIÓ - AL.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso superior de
Tecnologia em Design de Interiores, do
Instituto Federal de Alagoas – IFAL,
Campus Maceió-AL, como para a
obtenção de grau de Tecnólogo em
Design de Interiores.

Orientação: Prof. Dra. Tharcila Maria
Soares Leão

MACEIÓ – AL

2025



INSTITUTO
FEDERAL
Alagoas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Maceió
Biblioteca Benevides Monte

745.4
T237p

Trindade, Adryele Araújo.

Projeto preliminar de interiores [recurso eletrônico] : criando um ambiente educativo em uma instituição de acolhimento infantil fictícia para meninas em Maceió – AL / Adryele Araújo Trindade. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 5,47 MB). – 2025.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: Internet.

Orientação: Profa. Dra. Tharcila Maria Soares Leão.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design de Interiores) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*, Maceió, 2025.


1. Design de Interiores. 2. Instituição de Acolhimento – Projeto preliminar. 3. Ambientes infantis – Design de interiores. I. Título.

Franciane Monick Gomes de França
Bibliotecária – CRB 4/1831

PROJETO PRELIMINAR DE INTERIORES: CRIANDO UM AMBIENTE EDUCATIVO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO INFANTIL FICTÍCIA PARA MENINAS EM MACEIÓ - AL.


Trabalho apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Design de Interiores do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, como requisito parcial para obtenção de grau de Tecnólogo em Design de Interiores em 30 / 06 / 2025.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 THARCILA MARIA SOARES LEAO
Data: 18/08/2025 15:54:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof. Dra. Tharcila Maria Soares Leão

Orientador (a)

Documento assinado digitalmente
 ROSEANE SANTOS DA SILVA
Data: 29/08/2025 10:39:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Roseane Santos da Silva

Avaliador (a) Interno (a)

Documento assinado digitalmente
 MIQUELINA RODRIGUES CASTRO CAVALCANTE
Data: 05/09/2025 15:26:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Miquelina Rodrigues Castro Cavalcante

Avaliador (a) Interno (a)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pela força, sabedoria e fé que sempre me guiaram em cada passo dessa jornada. Sem sua orientação divina, nada disso seria possível.

Aos meus pais e avó, Jadir Trindade, Adriana Araújo e Antônia Araújo meu agradecimento mais sincero e profundo. Agradeço por todo amor, apoio e sacrifícios ao longo da minha vida. Vocês sempre estiveram ao meu lado, oferecendo conforto, motivação e coragem para seguir em frente.

Ao meu noivo, Arthur Fabian, minha eterna gratidão por seu amor, paciência e compreensão. Seu apoio incondicional foi fundamental para que eu alcançasse este momento.

Por fim, quero expressar minha imensa gratidão às minhas orientadoras, Tharcila Leão e Roseane Santos, por toda orientação, paciência e dedicação. Vocês foram essenciais em todo o processo de desenvolvimento deste trabalho, com seus conselhos e ensinamentos que fizeram a diferença.

A todos vocês, meu muito obrigada!

“A criança é a alegria como o raio de sol e estímulo como a esperança.”

- Coelho Neto

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda um projeto preliminar de interiores em uma Instituição de Acolhimento Infantil fictícia, seguindo as medidas de proteção do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que é aplicada a crianças e adolescentes que vivem hoje o método contra turno escolar. Nesse contexto, o objetivo principal é desenvolver um projeto a nível de estudo preliminar para uma sala de estudos de uma instituição fictícia localizada na cidade de Maceió-AL. O projeto visa propiciar o desenvolvimento sócio educacional das crianças, como também o conforto e segurança, apresentando pesquisas sobre a influência do Design de Interiores no comportamento e bem-estar, aplicando conhecimentos técnicos e experiências práticas a fim de contribuir para a qualidade de vida de acordo com as necessidades das crianças e suas respectivas atividades. Assim sendo, para a realização do trabalho foi feito estudo de artigos científicos, teses acadêmicas e livros de autores relacionados aos temas: Design de Interiores em ambientes infantis, Instituição de Acolhimento e Desenvolvimento Infantil. Utilizando os tipos da metodologia da pesquisa: Abordagem qualitativa (pesquisa a partir de análises); Natureza aplicada (aplicações práticas de conhecimentos); Objetivos exploratórios (levantamentos bibliográficos, entrevistas e visitas em instituições); e procedimento pesquisa-ação. A estruturação do presente estudo foi feita com base na concepção do papel social do design de interiores de ambientes, que parte de uma consciência social para propor soluções que prezam pela garantia da qualidade de vida das crianças, no que se refere à relação dos indivíduos com o meio que os cerca.

Palavras - chave: Instituição de Acolhimento. Projeto Preliminar. Design de Interiores em ambientes infantis. Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

This Course Completion Work (TCC) addresses an interior project in a fictitious Child Care Institution, following the protection measures of the Child and Adolescent Statute (ECA), which is applied to children and adolescents who today live the method against school shift. In this context, the main objective is to develop a project at the preliminary study level for a study room at a fictitious institution located in the city of Maceió-AL. The project aims to provide children with socio-educational development, as well as comfort and safety, presenting research on the influence of Interior Design on behavior and well-being, applying technical knowledge and practical experiences in order to contribute to the quality of life of children. according to the needs of children and their respective activities. Therefore, to carry out the work, a study was carried out on scientific articles, academic theses and books by authors related to the themes: Interior Design in children's environments, Foster Care Institutions and Child Development. Using the types of research methodology: Qualitative approach (research based on analysis); Applied nature (practical applications of knowledge); Exploratory objectives (bibliographical surveys, interviews and visits to institutions); and action research procedure. The structuring of the present study was based on the conception of the social role of interior design, which starts from a social conscience to provide solutions that value the guarantee of children's quality of life, not referring to the relationship between individuals and children. the environment that surrounds them.

Keywords: host institution. preliminary project. interior design in children's environments. child development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Design social	22
Figura 2 - Santa Casa de Misericórdia da Bahia	25
Figura 3 - Roda dos expostos	26
Figura 4 - Livro de matrícula	26
Figura 5 - Ama de leite	27
Figura 6 - Instituto Lar São Domingos	33
Figura 7 - Abrigo para crianças e adolescentes inaugurada em 2023.	34
Figura 8 - Desenvolvimento Físico	39
Figura 9 - Taxa de Crescimento	40
Figura 10 - Evolução infância à fase adulta.....	41
Figura 11 - Posição do aluno de acordo com o posicionamento da mesa em sala de aula	57
Figura 12 - Estudo do local	60
Figura 13 - Conceito.....	61
Figura 14 - Painel semântico.....	63
Figura 15 - Moodboard.....	65
Figura 16 – Zoneamento e Fluxograma	66
Figura 17 - Croqui, estudo do layout 1	68
Figura 18 - Croqui Painel floral da entrada.....	68
Figura 19 - Croqui armário lúdico.	69
Figura 20 - Croqui, layout 2.....	70
Figura 21 - Croqui vistas	70
Figura 22 - Croqui vistas	71
Figura 23 - Croqui da vista	71
Figura 24 - Layout definido.....	72
Figura 25 - Estudo 2 : posição das mesas	73
Figura 26 - Estudo 3: posição das mesas	74
Figura 27 - Layout cotado	75
Figura 28 - Planta baixa falada	77
Figura 29 - Corte A.....	79
Figura 30 - Corte B.....	79
Figura 31 - Vista do acesso principal	80
Figura 32 - Vista árvore.....	81

Figura 33 - Vista Estudio.....	82
Figura 34 - Vista estudio 2	82
Figura 35 - Vista estudio 3	83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Programa de Necessidades	64
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1 OBJETIVO GERAL	18
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
1.3 METODOLOGIA	18
2. DESIGN DE INTERIORES - ORIGEM E DEFINIÇÃO.....	21
2.1 O DESIGN SOCIAL	22
2.2 INSTITUIÇÕES SOCIAIS	24
2.3 INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO PARA CRIANÇAS NO BRASIL	24
2.4 INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO INFANTIL EM MACEIÓ-AL.....	31
3. DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	35
3.1 DESENVOLVIMENTO FÍSICO	38
3.2 DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL	43
3.3 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO	47
4. A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE	50
4.1 A ERGONOMIA PARA AMBIENTES INFANTIS.....	52
4.2 O ESPAÇO FÍSICO DE APRENDIZAGEM.....	54
5. PROJETO DE DESIGN DE INTERIORES	59
5.1 O BRIEFING	59
5.2 PÚBLICO ALVO.....	60
5.3 ESTUDO DO LOCAL.....	60
5.4 CONCEITO	61
5.5 PAINEL SEMÂNTICO E PALETA DE CORES	62
5.6 PROGRAMA DE NECESSIDADES	64
5.7 MOODBOARD	65
5.8 ZONEAMENTO E FLUXOGRAMA	66
5.9 PROCESSO CRIATIVO.....	67
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	84

1. INTRODUÇÃO

A história sobre a criança no Brasil, assim como no resto do mundo, vem mostrando que existe uma enorme distância entre o mundo infantil descrito pelas organizações internacionais, não governamentais e pelas autoridades, daquele no qual a criança encontra-se cotidianamente imersa. O mundo que a criança deveria “ser” ou “ter” é diferente daquele onde ela vive, ou no mais das vezes sobrevive (Del Priori, 2000, p. 8). Na Europa, há trinta anos a demografia histórica ajudava a detectar qual a expectativa de vida, qual o papel da criança nas estruturas familiares, quais os números do abandono infantil ou da contracepção (Del Priore, 2012 , p. 234).

No Brasil, desde a Colônia até a crise do Império, no final do século XIX, a criança abandonada era tratada pelos termos “expostos” e “enjeitados”. Esses termos correspondem ao tipo de abandono mais comum para o período, qual seja, os recém-nascidos, e se consubstanciam nas práticas de enjeitar as crianças expondo-as em locais onde seriam, muito provavelmente, recolhidas. Os locais mais comuns eram as igrejas e conventos e, mais tarde, as “rodas dos expostos” (Barbosa, 1999).

Com o advento das indústrias no início do século XX, milhares de famílias brasileiras acabaram saindo do campo (meio rural) para as cidades (chamado êxodo rural) em busca de trabalho nas indústrias, com a intenção de melhorar suas condições de vida (econômica e social). Com isso, as cidades começaram a crescer em virtude do aumento da população e dos problemas urbanos que foram surgindo, como a falta de empregos, moradia, alimentação, esgoto e água tratada. As famílias, geralmente o pai e a mãe que conseguiam ingressar nas fábricas como operários, trabalhando 12 horas por dia, já os filhos começaram a ficar sozinhos em casa e passaram a ocupar as ruas, fazendo com que milhares de crianças se transformassem adultos precocemente (Carvalho, s.d).

Pode-se concluir que o abandono de crianças se dava por razões econômicas, sociais e morais.

Com o crescimento acentuado do número de crianças abandonadas na década de 1920, o governo começou a implantação de ações para tentar resolver a questão do abandono, criando orfanatos, escolas profissionalizantes e escolas correcionais (para menores infratores). No ano de 1927 foram criadas as primeiras leis que regulamentavam políticas governamentais a favor da criança, chamado Código de Menores, e em 1990 foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente pelo governo brasileiro, que regulamenta políticas em favor da criança e do adolescente, onde instituem direitos e deveres (Leandro Carvalho, s.d).

Em 1990, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, crianças e adolescentes passaram a possuir direitos próprios no Brasil. Isso porque, antes do Estatuto, os direitos dessa parcela da população não estavam explícitos. O que acontecia na prática era que a Constituição Federal também resolvia as questões dos menores de idade. Foi preciso esse pequeno livro, com regras, direitos e deveres, para dispor a respeito de princípios básicos às crianças e adolescentes brasileiros (Nucci, 2014).

O estatuto nada mais é que uma Constituição que prevê a esse grupo todos os direitos humanos fundamentais, como à educação, ao lazer, à dignidade, à saúde, à convivência familiar e comunitária, aos objetos pessoais (Nucci, 2014).

Atualmente nossa sociedade ainda sofre heranças do passado, com a pandemia iniciada em março de 2020, cresce o número de crianças em abrigo.

Durante a pandemia, vem crescendo o número de crianças em abrigos, em grande parte pela vulnerabilidade das famílias, reflexo da crise econômica, e pelo aumento da violência doméstica. Enquanto isso, a justiça tenta acelerar processos de adoção para oferecer a elas lares estruturados (Maraccini, 2020, On-line).

A retirada de crianças do convívio familiar para uma instituição de acolhimento é bastante dolorosa, e na maioria dos casos, quando encaminhados a instituições, crianças e adolescentes trazem consigo uma bagagem de negligência, maus-tratos, e vivências anteriores potencialmente traumáticas. O impacto dessas violências sofridas constitui graves riscos para o desenvolvimento, tanto intelectual como emocional, com repercussão nas fases posteriores da vida (Calcing, 2014).

As crianças chegam à entidade com sua saúde emocional bem fragilizada e a instituição de acolhimento pode tanto ser considerado um agente facilitador, quanto

um agravante para o desenvolvimento das mesmas, tudo vai depender da presença ou ausência de fatores de proteção na instituição (Calcing, 2014).

As casas de acolhimento juntamente com todas as pessoas que atuam ali diariamente, se empenham para tornar possível a modificação das experiências dolorosas implícitas nas trajetórias dos infantes, mediante o estabelecimento de novos vínculos, com os cuidadores sociais e com as demais crianças acolhidas. Desta forma, o acolhimento possui a capacidade de tornar o espaço da instituição, um espaço facilitador capaz de promover a ressignificação das relações primordiais, bem como proporcionar a construção de novos relacionamentos afetivos significativos com dimensões distintas daqueles experimentados fora dela (Calcing, 2014).

O exercício da profissão do design de interiores e ambientes promulgado através da Lei nº 13.369, de 12 de dezembro de 2016 . Destacam-se como interesse do presente texto o artigo 2º, que diz:

Designer de interiores e ambientes é o profissional que planeja e projeta espaços internos, visando ao conforto, à estética, à saúde e à segurança dos usuários, respeitadas as atribuições privativas de outras profissões regulamentadas em lei (Brasil, 2016).

E o artigo 4º, que se refere às competências do design de interiores e ambientes, em particular, os parágrafos VIII e XII, citados a seguir:

VIII – propor interferências em espaços existentes ou pré-configurados, internos e externos contíguos aos interiores, desde que na especificidade do projeto de interiores, mediante aprovação e execução por profissional habilitado na forma da lei;

XII - observar e estudar permanentemente o comportamento humano quanto ao uso dos espaços internos e preservar os aspectos sociais, culturais, estéticos e artísticos (Brasil, 2016).

Do mesmo modo, a função do designer de interiores, definida pela Federação Internacional de Arquitetos de Interiores/Designers (IFI), documenta as responsabilidades inerentes a esses profissionais, considerando-os qualificados por educação, experiência e habilidades aplicadas. Aptos para tratar de maneira criativa dos ambientes interiores, atuando na identificação, pesquisa e resolução de problemas através da realização de projetos, fiscalização de obras e aplicação de conhecimentos especializados que compreendem sistemas tecnológicos e de materiais, visando melhorar a qualidade de vida, segurança, bem-estar e meio ambiente dos usuários (International Federation Of Interior Architects / Designers)

Em vista do que foi colocado anteriormente a respeito das competências do designer de interiores e ambientes, fica evidente que sua atuação profissional vai além das estruturas visíveis e funcionais, pois, cada vez mais, adentram em fatores, tais como os psicológicos e antropológicos, deixando transparecer sua atenção para com o comportamento humano em seus projetos e pesquisas, alinhado com o pensamento contemporâneo, de modelos e de procedimentos que abrem espaço para a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade (Hernández, 2020).

Ao analisar o espaço e estudar os comportamentos humanos que serão desenvolvidos na instituição escolhida, irão ser preservados os aspectos sociais, culturais, estéticos e artísticos. E como profissional em Design de Interiores, serão planejados e projetados espaços internos visando o conforto, a saúde, estética e segurança dos usuários.

A partir deste contexto foram traçados os objetivos gerais e específicos para este Trabalho de Conclusão do Curso dividindo o corpo do trabalho em referencial teórico abordando assuntos como: O design de interiores e social; Instituições sociais; Desenvolvimento infantil; A importância e ergonomia em ambientes infantis e o espaço físico da aprendizagem; e por fim o desenvolvimento do projeto de interiores.

1.1 OBJETIVO GERAL

Desenvolver o estudo preliminar do projeto de interiores em uma Instituição de Acolhimento Infantil, na cidade de Maceió, AL.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer Instituições de acolhimento na cidade de Maceió;
- Identificar as necessidades de desenvolvimento de projeto de interiores para uma instituição da cidade de Maceió - AL;
- Realizar o desenvolvimento do projeto preliminar da sala de estudos fictícia com base na instituição escolhida.

1.3 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho caracteriza-se como qualitativa descritiva, a partir de análises e visitas a instituição, executando levantamento arquitetônico e

fotográfico, com a finalidade de obter informações técnicas para o desenvolvimento do estudo preliminar.

Para atingir os objetivos propostos, foram realizadas pesquisas bibliográficas em livros, artigos acadêmicos e teses, com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre temas relacionados à proposta. Esse levantamento subsidiou a construção do referencial teórico, abordando tópicos como: design de interiores e sua dimensão social; instituições sociais de acolhimento no Brasil e em Maceió-AL; desenvolvimento infantil; a importância do ambiente; ergonomia aplicada a espaços infantis; e o espaço físico como facilitador da aprendizagem.

Será elaborada uma pesquisa exploratória com crianças acolhidas, pessoas de apoio de administrativo que frequentam o local, a fim de identificar os elementos capazes de provocar uma sensação de bem-estar e segurança para as crianças.

No campo da arquitetura e do design de interiores, o Estudo Preliminar constitui o ponto de partida do processo criativo. É nesse momento que os fundamentos do projeto são estabelecidos, unindo a imaginação à viabilidade técnica, e convertendo as aspirações do cliente em propostas concretas (Dayane Comellini, s.d).

Antes de avançar para a concepção formal do projeto, é essencial compreender profundamente o espaço existente. Para isso, realiza-se um levantamento detalhado das medidas do local, assegurando que cada centímetro seja considerado e aproveitado de forma estratégica. Simultaneamente, ocorre a reunião de briefing com o cliente, etapa essencial para captar suas necessidades, desejos e expectativas. Essa escuta ativa orienta as futuras decisões projetuais, traduzindo as intenções do cliente em diretrizes claras e funcionais.

Com as bases firmes estabelecidas, é hora de dar asas à criatividade e começar a esboçar o projeto. Aqui, cada elemento é cuidadosamente concebido e articulado para formar uma narrativa coesa e envolvente.

Começamos com a apresentação do conceito, onde compartilhamos o moodboard que encapsula a essência e a visão do projeto. Em seguida, apresentamos uma cuidadosa seleção de imagens de referência, inspiradas nos desejos e preferências do cliente.

A metodologia de design adotada neste projeto é composta por etapas técnicas e projetuais organizadas de forma sequencial. Inicialmente, foi realizada uma visita a uma instituição de acolhimento para meninas localizada em Maceió-AL, com o objetivo de observar o espaço e compreender seu contexto. Em seguida, foram feitos levantamentos fotográficos e teóricos para embasar o desenvolvimento da proposta.

Com base nas informações coletadas, foi criado um espaço fictício inspirado na instituição visitada. A etapa seguinte envolveu a elaboração do briefing do projeto, incluindo a definição do conceito, programa de necessidades, painel semântico, paleta de cores e moodboard.

Por fim, o projeto foi desenvolvido com a produção de plantas, cortes, perspectivas e imagens ilustrativas, compondo a representação visual da proposta preliminar.

Todas as etapas seguem uma ordem metodológica que garante coerência ao processo e oferece suporte ao profissional durante o desenvolvimento do projeto.

2. DESIGN DE INTERIORES - ORIGEM E DEFINIÇÃO

O século XX oportunizou a profissionalização do Design de Interiores. Durante os séculos XVIII e XIX, a atividade estava limitada a decorar espaços residenciais, visando impressionar por meio de aparência luxuosa e comunicar o status da posição social privilegiada de seus proprietários (Djean, 2012; Massey, 2008; Pile, 2014).

A decoração de Interiores era uma atividade exercida por artesãos, estofadores, marceneiros, varejistas, arquitetos, entusiastas, onde não era necessária uma educação formal para a sua prática. Ao decorar bastava possuir boa rede de contatos, ter conhecimento sobre os estilos históricos e dispor de bom gosto, bom senso, talento natural e autoconfiança. (Brooker Stone, 2014; Edwards, 2010; Gibbs, 2013; Massay, 2008; White, 2009).

Com o progresso da industrialização iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII, a oferta de um grande volume de bens de consumo e o surgimento de tecnologias como telefones, iluminação elétrica, banheiros e cozinhas sofisticadas, houve a transformação do modo de se fazer decoração. Fez-se necessário treinamento formal para que o decorador fosse capaz de orquestrar aparência, conforto e todas as novas tecnologias, que estão ao alcance de um número bem maior de pessoas (Gibbs, 2013; Massay, 2008; Pile, 2014).

Agora, o foco da atividade estava nas pessoas, mais especificamente, em compreender o modo como o arranjo e a ambiência dos espaços influenciam o comportamento dos indivíduos, buscando dar melhores condições para a sua qualidade de vida.

A *International Federation of Interior Architects/Designers (IFI)*- associação Dinamarquesa que representa designers, arquitetos e educadores, diz que: Cabe ao design de interiores identificar, pesquisar e solucionar com criatividade problemas relacionados à função e à qualidade dos interiores, planejando espaços que visem melhorar a qualidade de vida das pessoas, proteger-lhes a saúde e oferecer-lhes segurança e bem estar.

2.1 O DESIGN SOCIAL

Na década de 60 e início de 70, foi quebrado o paradigma dominante do design que estava voltado para o mercado, o consumo e a obsolescência planejada. As novas ideias pregavam um design ecológico e social (Ana Verônica, 2007, p. 3).

O Designer tem o dever de melhorar a qualidade de vida do homem, ideia defendida por Victor Papanek, em seu livro *“Green Imperative”* publicado em 1995, ele convoca os Designers a se questionarem sobre o impacto ambiental e social do seu trabalho. Para Papanek, o Designer é diretamente responsável pelo impacto ambiental dos produtos projetados (Pazmino, 2007, p.3).

Designers ativos que somos, sabemos hoje que trazer unicamente aquilo que nos pedem, ou seja, obedecer ao cliente sem debater as questões morais e éticas inerentes ao que criamos é a recusa última das responsabilidades do ser humano (Papanek, 1993, p. 227).

Figura 1 - Design social.



Fonte: Pazmino, 2007, p. 3.

O social no design de interiores é uma área de atuação profissional que envolve projetos Pro Bono, esse projeto é feito de forma voluntária com uma contrapartida de responsabilidade social, sendo disponibilizados conhecimentos técnicos a favor de uma atividade para instituições que não são providas de recursos, ou que muitas das vezes necessitam que sejam desenvolvidos projetos para captação desses recursos, está também voltado a um design para atender grupos em condição de vulnerabilidade (Rapôso, 2021).

Existem vários aspectos dentro da atuação do Design social, às vezes não só necessariamente por questões socioeconômicas, mas muitas vezes por questões socioculturais, sócio histórico ou até mesmo por necessidades especiais, sendo um trabalho voltado à sociedade.

O Design é um campo de possibilidades imensas no mundo complexo em que vivemos, podemos observar e aqui é preciso ficar claro que o valor das iniciativas do design de endereçar projetos focados nas necessidades de grupos sociais, é algo problemático considerar o social circunscrito ao desejo ou à necessidade de um segmento da sociedade ou até mesmo um grupo, onde envolve ação ética, técnica, simbólica e estética (Rapôso, 2021).

Considerando a atividade de projetar para atender necessidades e aspirações das pessoas nos ambientes de uso, a dimensão social encontra-se inserida nas ações do Design de interiores, dialogando com a sociologia.

A necessidade da maior parte da população mundial é a básica, envolvendo saúde, educação e desenvolvimento, e o designer pode fazer a diferença contribuindo para supri-la ao criar objetos ou serviços que atendam com eficiência e de forma econômica, a melhoria da qualidade de vida.

O objeto produzido pelo design soma a seu caráter funcional, que revela as necessidades de seus usuários e da época em que é produzido, o resultado das concepções e dos valores sobre a cultura e a sociedade de quem o produz o designer (Miranda, 2002, p.199).

O design é uma atividade da ciência social, tem na sua formação o caráter social e, portanto, intrinsecamente ligada ao homem. É preciso conscientizar sobre o papel social do design em relação:

- À ética - pela consciência do domínio de técnicas de manipulação, tanto no sentido da facilidade de indução;
- Ao consumo exagerado e desnecessário quanto da condução de pensamentos em favor de alguma ideia;
- Ao bem-estar da comunidade e qualidade de vida - não só a humana, mas todas as formas de vida;
- Às questões ambientais - pela consciência de descarte ou reuso das ofertas para conservação do planeta;
- Ao pensamento global deve-se ter o cuidado na defesa de um design inclusivo, ou design para todos, evitando-se constrangimentos internacionais ou diplomáticos. Os países estão cada vez mais próximos, no entanto, as diversidades devem ser respeitadas.

2.2 INSTITUIÇÕES SOCIAIS

Instituição social é qualquer tipo de organização formada para promover a integração dos membros de uma sociedade. Onde é fundamental para o funcionamento das relações humanas. Segundo o sociólogo Émile Durkheim, elas possuem um papel pedagógico e nos ensinam como ser parte da sociedade em que nascemos.

Instituição social é um conjunto organizado de crenças e práticas que os indivíduos adotam com a finalidade de alcançar um determinado objetivo socialmente importante (Oliveira, s.d).

Além de Durkheim, o sociólogo Max Weber fala que as instituições sociais são mecanismos criados para integrar o indivíduo à sociedade. Elas garantem, portanto, o que Weber chamou de coesão social, que é o modo como uma sociedade une os seus membros unitários (indivíduos) em um corpo coeso (Francisco Porfírio, s.d).

Um dos principais papéis sociais da instituição é justamente criar uma corporificação, uma unidade em que as pessoas dispõem dos mesmos valores, das mesmas metas, até mesmo configurar em futuras mudanças sociais ao bem comum, podendo ser um desafio a enfrentar perante a desumanidade e intolerâncias, as desigualdades e injustiças cometidas, tendo como sequelas o distanciamento entre as partes. Essa formação do mosaico social permeia perante as instituições, mas reforça a questão do resistir a essas intempéries grupais, de não deixar que os valores sejam apagados ou deixados de lado, pelo contrário, é justamente a resistência e o poder dos valores defendidos que se usa como principais escudos protetores e união de forças (Francisco Porfírio, s.d)

2.3 INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO PARA CRIANÇAS NO BRASIL

A roda dos Expostos ou Roda dos Enjeitados foi uma das instituições brasileiras de mais longa vida, sobrevivendo aos três grandes regimes de nossa história.

Criada em Portugal, as rodas espalham-se a partir de 1498 para acolher crianças “abandonadas” em todas as vilas e cidades do reino, foi transferida para o Brasil no século XVI durante o Período Colonial, perpassou e multiplicou-se no

Período Imperial e conseguiu manter-se durante o período Republicano, até ser extinta definitivamente somente na década de 1950 (Fanco et al., 2021)

No Brasil, a Roda dos Expostos foi instituída em vários lugares, sendo que as cidades do Rio de Janeiro e Salvador foram pioneiras na criação dessa instituição. A primeira Roda dos Expostos foi instituída em 1734 na Santa Casa de Misericórdia da Bahia, em Salvador.

As rodas tinham como objetivo caritativo-assistencialista o recolhimento de crianças abandonadas para que estas não morressem jogadas à própria sorte, à mercê do frio e vítimas de animais (Rezende, s.d).

Figura 2 - Santa Casa de Misericórdia da Bahia.



Fonte: Instituto Bixiga, 2021.

A Roda era um cilindro de madeira que girava em torno de um eixo e era repartido ao meio ou em quatro partes. Sendo colocada dentro da parede de um prédio, ou mesmo em um muro, permitia a introdução das crianças, sem que o depositário e o recebedor fossem vistos, e, portanto, reconhecidos. Ao lado da Roda, na parede, havia uma sineta, que era tocada pela pessoa que depositava a criança em uma das partes da Roda (Instituto Bixiga, 2021).

Figura 3 - Roda dos expostos.

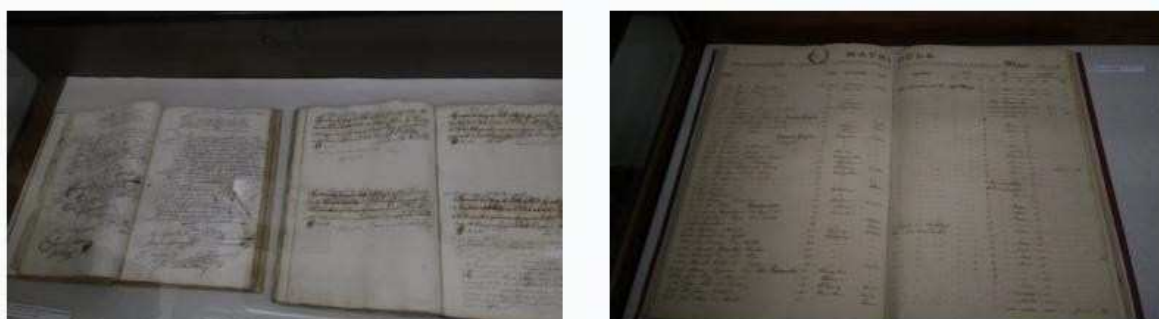


Fonte: A infância do Brasil, s.d.

Ao ouvir o toque da sineta, a porteira recolhia a criança e a encaminhava, de acordo com as regras da Instituição. Acredita-se, a partir da leitura da bibliografia referente ao assunto, que as regras e organização das instituições de amparo aos expostos não diferiam muito de um lugar para o outro no Brasil, seguindo um modelo geral (Instituto Bixiga, 2021).

Junto à Roda, no interior do hospital, ficava uma porteira, ou "ama rodeira", que se ocupava de recolher a criança, tão logo ela fosse colocada na Roda; logo a criança era "matriculada" em um livro próprio. A norma era de que fossem registradas a data, a idade e as características da criança, além dos objetos, enxoval e até mesmo bilhetes que fossem encontrados junto a ela (Instituto Bixiga, 2021).

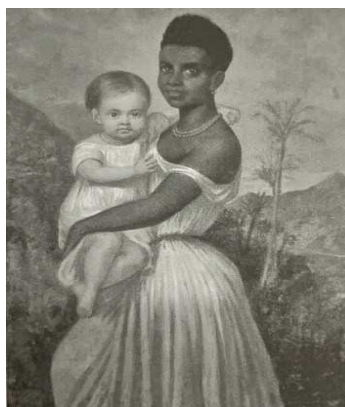
Figura 4 - Livro de matrícula.



Fonte: Instituto Bixiga, 2021.

Desde que a criança fosse recolhida, era necessário encontrar uma ama ou ama-de-leite (para os recém-nascidos), que passaria a cuidar da criança mediante o pagamento de determinada quantia, que variava de acordo com a idade da criança (Livro Copiador de Correspondência, p.47).

Figura 5 - Ama de leite.



Fonte: Priori (1991, p. 165).

A criação de Rodas para os expostos estava se tornando uma prática generalizada e tudo indica que esta era considerada uma solução racional para o problema da infância abandonada e suas inevitáveis consequências. O fato é que a Roda, apesar de ter sido criada com o objetivo de proteger a infância abandonada, foi alvo de controvérsias em várias regiões do país. Para muitos, a Roda era uma forma de contracepção, que, protegendo o anonimato dos pais do enjeitado, estimulava e propiciava a licenciosidade e irresponsabilidade de homens e mulheres (Priori, 1991, p.99).

Surgida como instrumento para diminuição da mortalidade infantil, consequência de muitos abandonos, a Roda acabou sendo considerada como causadora e legalizadora de muitos abandonos de crianças, fossem elas brancas ou negras. As questões ligadas ao abandono de crianças negras tornam-se peculiares quando ligadas à existência da escravidão em nosso país. Muitas eram as escravas que colocavam seu filho na Roda para que esse fugisse à condição de escravo, uma vez que ao ser abandonada a criança era considerada livre. Esse expediente poderia ser considerado, portanto, como um dos recursos utilizados pelos negros para ludibriar a escravidão compulsória (Rezende, s.d).

Por outro lado, os próprios senhores de escravos enjeitavam muitos bebês para alugarem as negras como amas de leite, a preços elevados, tentando depois recuperar a criança cativa. Muitos senhores viam, também, na Roda, a alternativa para se livrar dos filhos recém-nascidos das escravas que se encontravam gravemente enfermos, eximindo-se, assim, das despesas que poderiam advir com o tratamento e com o enterro (Venâncio, p.14).

Segundo registros do Museu da Santa Casa de São Paulo, criado em 2011, que preserva a memória e um acervo histórico valioso da Santa Casa de São Paulo, a roda dos expostos funcionou até dezembro de 1950, quando a última criança foi recebida e registrada com o número de 4.580.

Atualmente no Brasil cerca de 40 mil crianças e adolescentes estão em situação de acolhimento. Isso quer dizer que meninos e meninas se encontram provisoriamente sob tutela do Estado, morando por até 2 anos em uma das 4 modalidades de acolhimento institucional (Instituto Fazendo História, 2018):

- Casas Lares - Serviço de Acolhimento provisório oferecido em unidades residenciais, nas quais pelo menos uma pessoa ou casal trabalha como educador/cuidador residente em uma casa que não é a sua. Deve localizar-se em áreas residenciais da cidade e seguir o padrão socioeconômico da comunidade onde estiverem inseridas.

Público alvo Geral: Crianças e adolescentes de 0 a 18 anos sob medida protetiva de abrigo.

Número máximo de acolhidos: 10 crianças e adolescentes.

- Abrigos Institucionais - Deverá manter aspecto semelhante ao de uma residência, seguindo o padrão arquitetônico das demais residências da comunidade na qual estiver inserida. Não devem ser instaladas placas indicativas da natureza institucional do equipamento, também devendo ser evitadas nomes que remetam a aspectos negativos, estigmatizando e despotencializando os usuários.

Público alvo: Crianças e adolescentes de 0 a 18 anos.

Número máximo de acolhidos: 20 crianças e adolescentes.

- Famílias Acolhedoras - Serviço que organiza o acolhimento de crianças ou adolescentes, em residências de famílias acolhedoras cadastradas. Para fazer parte do serviço, as famílias devem passar por um processo de seleção, capacitação e acompanhamento. O serviço proporciona o atendimento em ambiente familiar, garantindo atenção individualizada e convivência comunitária. Em cada Família acolhedora são recebidas uma criança ou adolescente por vez, exceto quando se tratar de grupo de irmãos.

Público Alvo: Crianças e adolescentes de 0 a 18 anos.

- Repúblicas - Serviço de acolhimento indicado prioritariamente a jovens que passaram anteriormente por serviços de acolhimento para crianças e adolescentes, que oferece apoio e moradia a jovens de 18 a 21 anos. Cada unidade tem até 6 pessoas. O serviço tem como objetivo a gradual autonomia de seus residentes, incentivando sua independência ao funcionar num sistema que permite que seus moradores tomem as decisões com relação ao funcionamento da unidade de maneira conjunta.

Público alvo: Jovens entre 18 e 21 anos.

O acolhimento institucional de crianças e adolescentes é uma medida de proteção prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, que deve ser aplicada sempre que os direitos da criança e do adolescente forem ameaçados ou desrespeitados. Assim, o ECA prevê o acolhimento institucional nos seguintes casos: em caso de sofrimento de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (art.5º, ECA), seja por omissão da sociedade ou do Estado; por falha, omissão ou abuso dos pais ou responsáveis; ou em razão de sua conduta (art.98, incisos I, II e III, ECA).

Os Estados Partes devem garantir que as instituições, as instalações e os serviços destinados aos cuidados ou à proteção da criança estejam em conformidade com os padrões estabelecidos pelas autoridades competentes, especialmente no que diz respeito à segurança e à saúde da criança, ao número e à adequação das equipes e à existência de supervisão adequada (Unicef, 2017).

Essa medida de proteção consiste em um procedimento temporário e inabitual, empregado como forma de transição para reintegração familiar ou, não sendo possível, para a colocação de crianças e adolescentes em família substituta. Esse acolhimento não implica em privação de liberdade e oferece atendimento particularizado, em pequenas unidades e grupos, priorizando ações descentralizadas e municipalizadas (Salina-Brandão & Williams, 2009).

Com a lei nº 8069/90 que dispõe sobre o ECA, a criança passou a ser reconhecida como prioridade absoluta, uma vez que está em peculiar condição de ser humano em desenvolvimento e com direitos juridicamente protegidos.

A criança e o adolescente tem direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência (Unicef, art 7º, 1990).

Em meio à pandemia da Covid-19, o UNICEF reforça a importância de o Brasil salvaguardar os avanços alcançados pelo País graças ao ECA e investir fortemente para evitar retrocessos, reduzir desigualdades e garantir que cada criança e cada adolescente no Brasil, em especial meninas e meninos negros e indígenas e em situação de vulnerabilidade, como migrantes tenham todos os seus direitos efetivados (Unicef, 2020).

Durante 30 anos de Estatuto da Criança e do Adolescente, o Brasil vivenciou avanços importantes, entre eles, destacam-se:

- A redução histórica da mortalidade infantil, fazendo com que 827 mil vidas fossem salvas de 1996 a 2017;
- Os avanços no acesso à educação. Em 1990, quase 20% das crianças de 7 a 14 anos (idade obrigatória na época) estavam fora da escola. Em 2009, a escolaridade obrigatória foi ampliada para 4 a 17 anos. E, em 2018, apenas 4,2% de 4 a 17 anos estavam fora da escola (1,7 milhão);
- E a redução do trabalho infantil. Entre 1992 e 2016, o Brasil evitou que 6 milhões de meninas e meninos de 5 a 17 anos estivessem em situação de trabalho infantil.

Desta forma, a aplicação da medida de acolhimento institucional é vista como uma intervenção protetora dos direitos da criança e do adolescente, em situação de vulnerabilidade, justamente por visar garantir esses direitos, principalmente os de proteção e cuidado, considerando sempre em primazia o princípio do melhor interesse da criança.

Ao chegar ao acolhimento institucional, é possível observar da maioria das crianças, um olhar assustado e comportamento retraído que denotam medo e insegurança frente ao novo que estão prestes a vivenciar. Algumas delas apresentam choro e resistência, uma vez que não possuem maturidade emocional suficiente para reconhecer que essa medida que lhe foi aplicada no momento e de forma temporária, é para proteção de sua integridade física, psíquica e moral.

Devido a toda a complexidade e fragilidade emocional que se encontra a criança do acolhimento institucional, faz-se necessário mencionar a importância do papel da instituição no desenvolvimento dos protegidos, uma vez que ela passa, ainda que de forma passageira, períodos significativos de seu crescimento e infância na entidade.

É imprescindível que a instituição promova um ambiente acolhedor às crianças, que não reproduza as experiências de violência vivenciadas em casa, o que é indispensável para que o processo de reinserção social das mesmas se dê da forma mais saudável (Carvalho et al 2015).

De acordo com Siqueira & Dell' Aglio (2006), as instituições assumem lugar central na vida das crianças e adolescentes acolhidos, e por este motivo, é necessário investir neste espaço de socialização. Torna-se determinante investir em relações mais estáveis e afetuosas neste ambiente. É necessário que a instituição faça parte da rede de apoio social e afetivo, que forneça recursos de enfrentamentos de situações negativas, além de modelos identificatórios positivos, segurança e proteção. Com tudo isso, o ambiente estará propício para fornecer às crianças e adolescentes acolhidos um pleno desenvolvimento cognitivo, social e afetivo (Álvares; Lobato, 2013).

2.4 INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO INFANTIL EM MACEIÓ-AL

A SEADES (Secretaria de Estado de Assistência e Desenvolvimento Social) é um órgão da administração direta do governo do Estado de Alagoas, criado pela Lei Delegada Nº 43, de 28 de junho de 2007, que tem a sua estrutura disciplinada pela Lei Delegada Nº 47, de 11 de agosto de 2015, cujo teor disciplina a estruturação dos órgãos do Poder Executivo.

A equipe de profissionais da SEADES atua no planejamento, no desenvolvimento e na execução de ações que respeitem as particularidades de cada região, ao promover iniciativas, que capacitam e conscientizam os municípios sobre o papel fundamental que eles exercem no processo de inclusão social, quando buscam extrair dentro das próprias comunidades soluções que garantem a proteção e a promoção social de todos (Governo de Alagoas, 2015).

O incentivo e a contribuição para o desenvolvimento do indivíduo, sem se distanciar do coletivo, constitui o dia-a-dia dos que fazem a SEADES, que com planejamento e metas a médio e a longo prazos realizam também ações de forma emergencial.

Nesse trabalho, é de fundamental importância a intersetorialidade com as áreas de educação, saúde, desenvolvimento econômico, trabalho e agricultura. Um conjunto de proposituras que visam diminuir o número de pessoas em situação de

vulnerabilidade social e risco nutricional, ao promover qualidade de vida e proteção social (Governo de Alagoas, 2015).

O acolhimento em diferentes tipos de equipamentos está destinado a famílias e/ou indivíduos com vínculos familiares rompidos ou fragilizados, a fim de garantir proteção integral. A organização do serviço deverá garantir privacidade, o respeito aos costumes, às tradições e à diversidade de: ciclos de vida, arranjos familiares, raça/etnia, religião, gênero e orientação sexual. O atendimento prestado deve ser personalizado, em pequenos grupos e favorecer o convívio familiar e comunitário, bem como a utilização dos equipamentos e serviços disponíveis na comunidade local. As regras de gestão e de convivência deverão ser construídas de forma participativa e coletiva, a fim de assegurar a autonomia dos usuários, conforme perfis (Juliana Medeiros, 2023).

Devem funcionar em unidade inserida na comunidade com características residenciais, ambiente acolhedor e estrutura física adequada, visando o desenvolvimento de relações mais próximas do ambiente familiar. As edificações devem ser organizadas de forma a atender aos requisitos previstos nos regulamentos existentes e às necessidades dos usuários, oferecendo condições de habitabilidade, higiene, salubridade, segurança, acessibilidade e privacidade.

Acolhimento provisório e excepcional para crianças e adolescentes de ambos os sexos, inclusive crianças e adolescentes com deficiência, sob medida de proteção (Art. 98 do Estatuto da Criança e do Adolescente) e em situação de risco pessoal e social, cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção. As unidades não devem distanciar-se excessivamente, do ponto de vista geográfico e socioeconômico, da comunidade de origem das crianças e adolescentes atendidos. Grupos de crianças e adolescentes com vínculos de parentesco irmãos, primos, etc., devem ser atendidos na mesma unidade. O acolhimento será feito até que seja possível o retorno à família de origem (nuclear ou extensa) ou colocação em família substituta. O serviço deverá ser organizado em consonância com os princípios, diretrizes e orientações do Estatuto da Criança e do Adolescente e das “Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes” (SEADES, 2021).

Atualmente em Maceió - AL o serviço é ofertado por 7 lares de acolhimento (governamentais), 9 abrigos e 8 lares de acolhimento não governamental atuando

como entidades filantrópicas, sociedade sem fins lucrativos (Prefeitura de Maceió-AL, 2025).

Os lares de acolhimento institucional possuíam o método onde crianças e adolescentes passavam a semana nas instituições, retomando para sua residência familiar aos finais de semana, esses espaços amparavam jovens de diversas áreas de vulnerabilidade social tanto em aspecto material, moral e social. Com o passar dos anos, as instituições foram implantando o método contra turno escolar (Lar São Domingos, s.d).

As crianças e adolescentes são assistidas por uma equipe formada por coordenadores de apoio administrativo, acompanhamento social e psicológico, apoio pedagógico e serviços de segunda a sexta-feira, das 7h às 17h. Esses jovens recebem reforço escolar no contra turno da escola formal e duas refeições básicas. Eles participam de atividades lúdicas e pedagógicas que visam o progresso no rendimento escolar. Com o objetivo de acolher com dignidade; promover o bem estar social; garantir convivência familiar, comunitária e a reinserção positiva desses indivíduos para a sociedade. Eles são amplamente estimulados com atividades culturais, artísticas, esportivas (Lar São Domingos, s.d).

Figura 6 - Instituto Lar São Domingos.



Fonte: Lar São Domingos, sd.

Já os abrigos são estrategicamente localizados para oferecer proteção integral a pessoas em situação de vulnerabilidade social. Esses abrigos são parte dos serviços de acolhimento institucional, que devem possuir uma estrutura física adequada para atender às necessidades dos usuários.

Figura 7 - Abrigo para crianças e adolescentes inaugurada em 2023.



Fonte: Secom Maceió – AL, 2023.

De acordo com um levantamento realizado pela Secretaria de Desenvolvimento Social, Primeira Infância e Segurança Alimentar (SEMDES), no ano de 2023, os abrigos receberam cerca de mil pessoas em Maceió. Os públicos atendidos variam entre famílias em situação de rua, crianças, adolescentes e pessoas desalojadas devido a desastres naturais.

Visando fortalecer os serviços e melhor atender aos usuários, a Prefeitura de Maceió tem promovido diversas ações, como projetos, reformas e inaugurações de novas unidades. As unidades da SEMDES passaram por melhorias para oferecer mais conforto às crianças e adolescentes que vivem em acolhimento institucional. Unidades como a Rubens Colaço, que abriga crianças de 0 a 6 anos; a Luzinete Soares de Almeida, que acolhe meninas de 7 a 17 anos; e a Acolher, que abriga meninos na mesma faixa etária, foram reinauguradas em maio de 2023.

3. DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A infância precisa ser compreendida como uma etapa da vida em si, e não a preparação para algo futuro. Além dos direitos fundamentais de educação, saúde e bem estar, a criança tem direito de brincar livremente, de explorar os espaços com seu corpo, aprendendo a movimentar-se. De conhecer os territórios e a sociedade para além da família, de ser ouvida e participar de decisões. De desenvolver-se integralmente (Educação Integral, 2018).

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, considera-se como criança a pessoa com até doze anos incompletos, e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade.

A infância é dividida em 4 períodos do desenvolvimento:

- Período Pré-natal: É o processo que desdobra desde a fecundação do óvulo pelo espermatozóide até o nascimento da criança;
- Primeira Infância: Esse período se dá desde o nascimento até aproximadamente três anos de idade;
- Segunda Infância: Dos três anos de idade até os seis;
- Terceira Infância: Tal período inicia-se em meados dos seis anos de idade e vai até os doze anos.

A psicologia do desenvolvimento é um recorte da psicologia: seu foco são diferentes momentos ou etapas da vida, do nascimento à velhice. É a ciência que convive com tendências mais teóricas, filosóficas e subjetivas, voltadas para o estudo da mente, e outras de base experimental, embora igualmente voltadas para entender o funcionamento da mente. O desafio a que a psicologia se propõe é o de entender a relação entre corpo e mente como o cérebro pode produzir estados mentais e vice-versa (Oliveira, 2017 p. 02).

Não há biologia separada da psicologia, cérebro e mente está indissolúvelmente interligada. Nosso funcionamento mental resulta da interação que vai dos estímulos sensoriais decorrentes de uma interação social, por exemplo, às transformações moleculares que ativam os diferentes mecanismos da emoção, da cognição e da ação.

Se nosso cérebro fosse simples, nós seríamos muito simples para compreendê-lo. Além da complexidade, o cérebro é confrontado permanentemente a uma realidade exterior em constante mudança, dificilmente previsível (Watson, s.d, p.23).

Quando a criança pergunta “o quê, quem, quando, onde ou por que”, módulos específicos de seu cérebro são ativados para compreender o mundo que a cerca. Não somos só uma tábula rasa, mas, também, não nascemos com conceitos *a priori* prontos e acabados (Oliveira, 2017, p. 08).

As crianças são participantes ativas do seu próprio desenvolvimento, isso reflete a tendência humana para explorar e dominar o seu ambiente.

O ser humano foi feito para sobreviver. Para isso, o indivíduo precisa adaptar-se ao seu ambiente. Desde os tempos imemoráveis, “sobreviver” significa ser capaz de “ganhar a vida”, o pão de cada dia, explorando, de forma adequada, os recursos da natureza. Para sobreviver, o indivíduo precisa proteger-se, alimentar-se e adaptar-se ao seu ambiente. Dada à natureza social do ser humano, a sobrevivência também implica em aprender a conviver. Para fazer tudo isso, o indivíduo precisa receber os estímulos do ambiente, selecioná-los e responder aos mesmos. Muitas dessas ações dão-se de forma automática, pelos reflexos, instintos ou seleção, entretanto, a maioria delas é parte de um longo processo de aprendizagem (Oliveira, 2017, p. 23).

Qualquer ser humano é biologicamente social desde seu nascimento. Por conseguinte, deve adaptar-se ao meio social, no qual todas as trocas produzidas são a chave para as demais (Wallon, s.d, p. 23).

Quando sofremos experiências traumáticas ou fortes, o cérebro produz substâncias químicas (cortisol e outros hormônios) e as transmite pela corrente sanguínea. A produção dessas substâncias permite-nos lidar com situações difíceis, preparando o corpo para reagir e se recuperar dessas situações (Oliveira, 2017, p. 51).

Se uma criança é submetida a situações prolongadas de estresse nos primeiros meses de vida (pobreza, maus tratos, negligência, abuso etc.), seu cérebro para de processar as informações transmitidas por essas substâncias de forma adequada. O estresse prolongado em crianças pequenas pode atrasar ou parar o desenvolvimento cerebral e físico. A exposição prolongada ao cortisol, que é liberado em situações de estresse, pode gerar danos ao cérebro e afetar negativamente o sistema imunológico (Oliveira, 2017, p. 51).

As experiências com o ambiente permitem a criação de redes de conexões no cérebro (Oliveira, 2017, p. 51).

Quando uma criança vivencia caos e estresse com muita frequência ou intensidade, seu cérebro desenvolve uma rede de conexões voltada para lidar com estresse e caos. Mas isso tem um preço alto: mesmo quando a situação estressante é removida, o cérebro continuará respondendo como se o estresse estivesse presente. Dessa forma, uma criança, cujo cérebro desenvolveu conexões em meio a situações de estresse, poderá ter dificuldade de se ajustar, reagindo de forma exagerada ou se tornando incapaz de sentir emoção, compaixão ou mesmo remorso. Muitos comportamentos desviantes em crianças e adultos explicam-se, por exemplo, pelo abandono em orfanatos ou por terem sido negligenciados ou abusados. A experiência deixa marcas no cérebro e na sua forma de funcionar, isto é, influi na sua estrutura e no seu funcionamento (Oliveira, 2017, p.51).

Desenvolver significa organizar o cérebro e seu funcionamento. Significa que a criança se torna cada vez mais capaz de lidar com suas próprias emoções, com o mundo e com o outro. Ao fim e a cabo, o desenvolvimento é transição da infância para o estado adulto da vida, a passagem da dependência para a autonomia, da imaturidade para a idade madura, a fase adulta da vida (Oliveira, 2017, p. 37).

Os eventos externos afetam o desenvolvimento do cérebro, isso já começa a ocorrer dentro do ventre materno, pois os estímulos externos se tornam biologicamente embebidos no sistema de resposta das crianças. Crianças que têm pais deprimidos, criadas em orfanatos ou que foram submetidas a outras fontes de estresse crônico podem sofrer importantes consequências no seu desenvolvimento neurocognitivo e no funcionamento do sistema imunológico, o que afeta a sua reatividade, forma de lidar com as situações, memória, aprendizagem e raciocínio (Shonkoff; Garner, 2012).

Nos anos 80 do século passado, o ditador da Romênia, Nicolae Ceausescu, criou uma política de incentivo à natalidade que, entre outras coisas, levou mais de cem mil crianças ao abandono. Milhares delas foram criadas em orfanatos sem a menor condição ou estrutura. Depois que ele foi destituído do poder, algumas dessas crianças nunca foram adotadas e outras o foram em idades diferentes. Todas as crianças que foram adotadas recuperaram alguns aspectos de seu desenvolvimento, como peso e altura. Porém, muitas delas ficaram prejudicadas emocionalmente, algumas gravemente, e outras nunca se recuperaram. Os

resultados dos estudos de acompanhamento dessas crianças, ao longo de décadas (Nelson et al, 2014), permitiram concluir que:

- Crianças desenvolvem-se melhor em suas famílias;
- Se não for possível, em lares adotivos;
- Pior caso, em instituições.

Além disso, esse estudo confirma-nos algumas ideias:

1. Crianças precisam criar laços de afeto com adultos, especialmente nos primeiros meses de vida. Do contrário, tendem a desenvolver problemas socioemocionais.

2. A melhor chance de recuperação de uma criança adotada é durante os primeiros anos de vida. No entanto, mesmo sendo adotada mais tardiamente, há muito o que recuperar e ensinar.

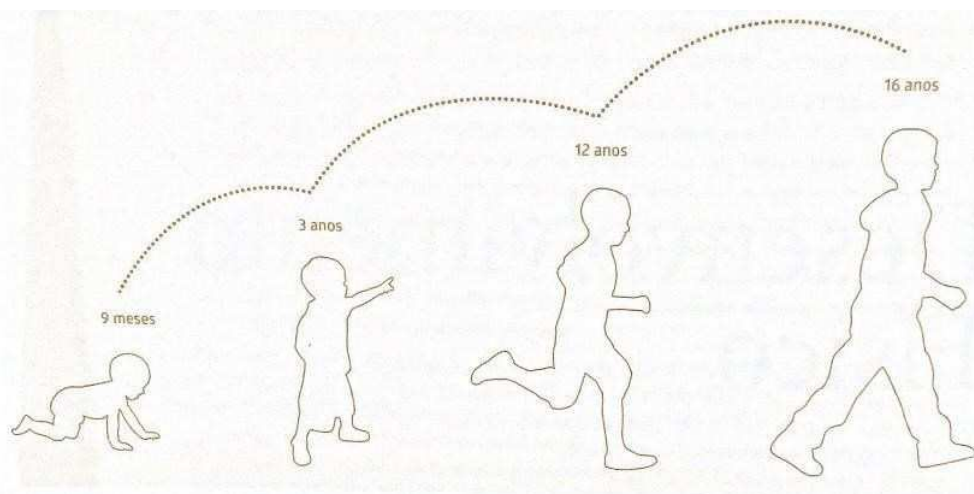
3. Instituições como orfanatos ou casas de recuperação, podem ser eficientes se bem organizadas e repletas de carinho.

Os cientistas do desenvolvimento estudam os processos de mudança e estabilidade em todos os domínios, ou aspectos, do desenvolvimento durante todos os períodos do ciclo de vida. Eles estudam os três principais domínios, ou aspectos, do eu: físico, cognitivo e psicossocial. O crescimento do corpo e do cérebro, as capacidades sensoriais, as habilidades motoras e a saúde fazem parte do **desenvolvimento físico**. Emoções, personalidade e relações sociais são aspectos do **desenvolvimento psicossocial**. Aprendizagem, atenção, memória, linguagem, pensamento, raciocínio e criatividade compõem o **desenvolvimento cognitivo** (Papalia; Feldman, 2013).

3.1 DESENVOLVIMENTO FÍSICO

Um dos aspectos mais visíveis e impressionantes do desenvolvimento infantil é a rapidez com que as crianças crescem e aprendem a se relacionar com o mundo que as cerca.

Figura 8 - Desenvolvimento Físico.



Fonte: OLIVEIRA (2017, p.68).

A figura 7 ilustra alguns dos marcos mais visíveis do desenvolvimento físico: o bebê transforma-se em um menininho, depois em uma criança, em um jovem até chegar à idade adulta; é o desenvolvimento físico.

A capacidade do indivíduo desenvolver-se como um todo depende do desenvolvimento físico e este, por sua vez, depende das condições de saúde. Um fator depende do outro: a saúde constitui a base para o desenvolvimento e a aprendizagem (Oliveira, 2017, p.68).

Um estudo realizado, em 2010, pelo *Center on the Developing Child* da Universidade de Harvard identificou três pilares que sustentam o desenvolvimento físico e mental: (1) relações estáveis e responsivas; (2) um ambiente seguro, e (3) nutrição adequada.

Atualmente sabemos que todos esses fatores estão fortemente inter-relacionados. Alguns estudos demonstram, por exemplo, a relação entre deficiências em habilidades motoras finas, na infância, e desempenho acadêmico em matemática e linguagem (Sandler; Watson; Foot, 1992, Grissmer; Grimm; Aiyer, 2010, Pagani; Messier, 2012). O desenvolvimento físico está fortemente associado com saúde e bem-estar físico, mental, nutrição e exercício físico. Limitações e problemas nessas áreas interagem no nível molecular e afetam, direta ou indiretamente, não apenas os aspectos corporais de maneira direta (crescimento), mas, também, o funcionamento do cérebro e, em consequência, os demais aspectos do desenvolvimento.

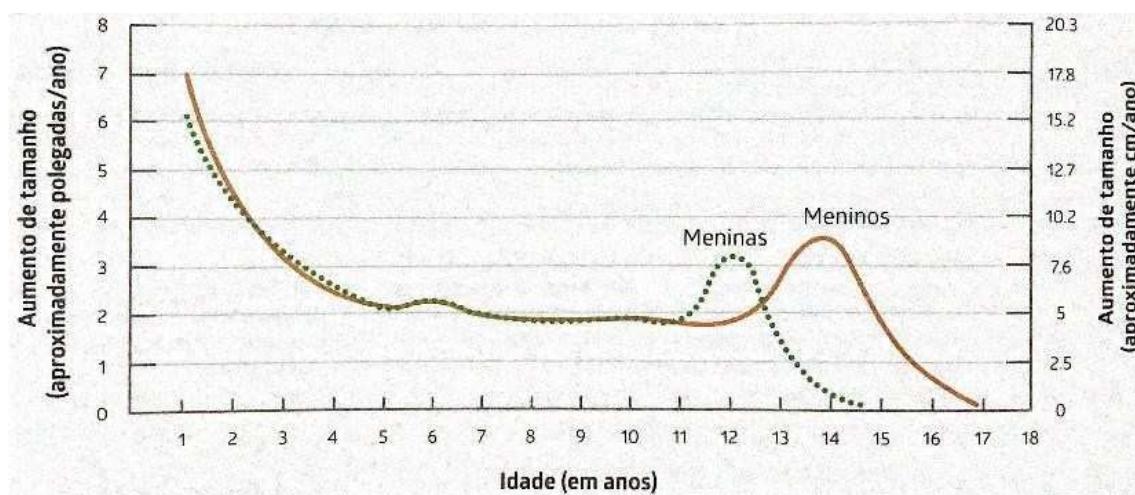
Quando falamos em desenvolvimento físico nos referimos ao corpo que se desenvolve, bem como à sua capacidade de reagir aos estímulos do ambiente. Os sentidos aprimoram-se - o que permite perceber melhor o mundo que nos cerca bem como ver, sentir e diferenciar pessoas e objetos com maior precisão.

O desenvolvimento físico, também chamado de crescimento, é marcado por três características: velocidade, direção e composição da massa corporal (Oliveira, 2017, p.78).

A velocidade do crescimento varia no tempo. Há épocas de maior ou menor crescimento. Os dois primeiros anos de vida e a adolescência são os períodos de crescimento mais rápido, sendo que, nesses dois períodos, o crescimento salta aos olhos. O ritmo de crescimento é bastante semelhante em meninos e meninas, mas na adolescência as meninas crescem mais cedo. Os meninos começam a "espichar" um pouco mais tarde, mas seu crescimento dura mais tempo e é maior, o que explica, em média, os homens serem mais altos do que as mulheres.

Observe a figura 8, ela mostra o nível de crescimento ao longo dos dezoito primeiros anos de vida. Os dados referem-se à população norte-americana, mas as taxas de crescimento são válidas para qualquer população.

Figura 9 - Taxa de Crescimento.

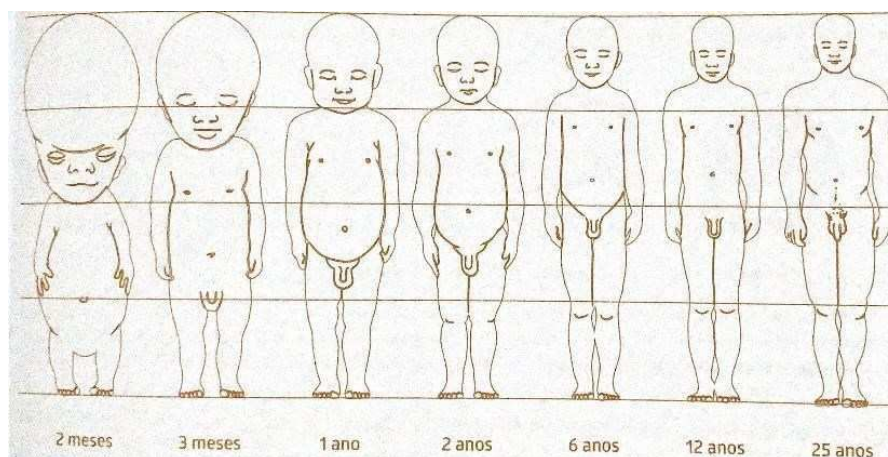


Fonte: Centers for Disease Control, 2000.

A direção do crescimento, também, segue um roteiro definido. O crescimento se dá da cabeça para os pés, do centro para os membros. Assim, a cabeça representa cinquenta por cento do tamanho de uma criança de dois meses, mas apenas dez por cento do tamanho do adulto. As pernas, por sua vez, têm a

proporção de 1:4 durante o período pré-natal, aumenta para 1:3 durante a infância e chega a 1:2 na vida adulta (Figura 11).

Figura 10 - Evolução infância à fase adulta.



Fonte: Thelen, 2002.

As proporções, representadas na figura 10, são baseadas nas observações de Thelen (2002), segundo a qual a cabeça do bebê representa 70% do tamanho da cabeça do adulto e 25% da altura. Com um ano de idade, a cabeça passa a representar 20% e, na idade adulta, 12% da altura. As mudanças ocorridas, após o primeiro ano de vida, reduzem o centro de gravidade, permitindo que a criança se equilibre nas duas pernas e comece a andar. Na medida em que cresce, o corpo do bebê vai perdendo a barriga arredondada e vai ficando mais parecido com uma criança.

A composição da massa corporal também varia. A proporção de gordura é maior na infância e diminui por volta dos oito aos dez anos. Na adolescência diminui nos meninos e aumenta nas meninas e, nesse período, há um significativo aumento de massa muscular, especialmente, nos meninos.

A palavra motricidade ou “motor” refere-se a movimento, no caso, o movimento muscular. O desenvolvimento motor é o processo pelo qual a criança adquire habilidade e padrões articulados de movimento.

Nascemos com capacidades que nos permitem desenvolver habilidades motoras amplas e finas. As capacidades são asseguradas pelos reflexos, movimentos involuntários e pelas regras que comandam o desenvolvimento do corpo. Como já dito, a cabeça tem tamanho e peso relativamente maiores do que o resto do corpo nos primeiros meses de vida e, progressivamente, o corpo vai se estruturando para segurar e permitir sustentar a cabeça e liberar os membros. O

desenvolvimento motor baseia-se na conquista do equilíbrio e da movimentação dos membros articulada com a visão. A partir daí, desenvolvemos habilidades nas quais podemos vir a ser mais ou menos proficientes.

O que são habilidades motoras? São movimentos que usamos para andar, correr, saltar, pegar, empurrar, carregar, puxar, virar, mexer ou cortar algo. Também são movimentos que servem para nos proteger quando, por exemplo, cobrimos os olhos diante de um feixe de luz ou nos afastamos de um perigo. Nossa mente informa o corpo para que ele responda aos estímulos que surgem, sejam internos ou provocados pelo ambiente. As habilidades motoras classificam-se em amplas e finas, dependendo se usamos os músculos grandes ou pequenos (Oliveira, 2017, p.113).

Habilidades motoras amplas são ações deliberadas que coordenam as diferentes partes do corpo. Elas desenvolvem-se a partir dos reflexos como: sentar, usar braços, pernas e pés, andar e correr são exemplos disso. Rolar morro abaixo, empurrar um velocípede também. Toda vez que usamos grandes músculos, nosso corpo todo ou várias partes dele, ao mesmo tempo, estamos colocando em ação a nossa capacidade motora ampla. Mas tudo isso é parte de um processo de coordenação (Oliveira, 2017, p.113).

Mover olhos e lábios, segurar a mamadeira, acertar a boca com a colher, pegar um livro, escrever, costurar, colocar uma peça de quebra-cabeças no tabuleiro, digitar no celular, eis alguns exemplos de habilidades motoras finas. Daí até chegar a enfiar uma linha na agulha ou realizar uma cirurgia de catarata requer grande esforço e treinamento. Tudo que fazemos é coordenando os olhos e mão, está relacionado com essas habilidades. Essas, por sua vez, dependem do bom desenvolvimento das habilidades motoras amplas: a mão não se move bem se o braço não se sustenta e se movimenta de forma inadequada (Oliveira, 2017, p.114).

De um lado, sabemos que o desenvolvimento físico e motor são programados pela natureza, obedece a uma sequência bastante rígida. Mas um bom desenvolvimento físico e motor requerem muito do ambiente: uma alimentação saudável, um ambiente seguro, espaço e tempo para a criança ficar, movimentar-se e explorar com segurança esse espaço. No limite, portanto, tudo o que a criança precisa é elementos e objetos que existem no mundo natural para andar, correr, saltar, pular, subir, descer, balançar, pegar, segurar, puxar, empurrar, carregar, misturar, mexer, molhar, lavar, torcer, enxugar, varrer, limpar, enfim, precisa de

estímulos para desenvolver os seus sentidos e transformar suas capacidades motoras em habilidades cada vez mais refinadas. E por isso que a criança precisa de espaço e de muito tempo para explorar tudo livremente, em companhia de outras crianças e/ou de adultos que a encorajem.

3.2 DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL

Desenvolver-se significa ser capaz de se identificar e saber que somos diferentes de outros, com os quais devemos aprender a conviver. Aprender a sobreviver é relativamente fácil, mas aprender a conviver em sociedade é extremamente complexo, leva tempo, impõe limitações e exige um elevado grau de autocontrole. Os jogos e as brincadeiras desempenham papel fundamental no processo de aprendizagem dessas relações.

Além disso, muito do que a criança aprende sobre o mundo e sobre os outros já vem filtrado pelas experiências, critérios, valores, conceitos e preconceitos de outros. Walter Lippman, escritor, jornalista e profundo observador da vida social no início do século XX, já observara que "O mundo nos é contado antes da gente vê-lo. Nós imaginamos a maior parte das coisas antes de ter a experiência delas" ex acrescenta a respeito de nossa aprendizagem sobre o outro: "de todas as influências que se exercem sobre nós, aquelas que criam e mantêm nossos estereótipos são as mais sutis.."; ou seja, quando aprendemos sobre o outro e sobre o mundo, esse conhecimento já vem impregnado de conceitos, preconceitos e valores de nossos pais. Nossa visão de mundo depende de capacidades cognitivas que são fortemente alteradas pela cultura.

Na base do relacionamento social está a necessidade de sobreviver que, no caso dos seres humanos, é aumentada pelas limitações que temos ao nascer, pois não somos capazes de satisfazer nossas necessidades básicas sem ajuda de outros (Oliveira, 2017, p.160).

A natureza provê os recursos para assegurar a sobrevivência. De um lado, as mães que provem o leite ou outros adultos que suprem os alimentos e as necessidades de higiene e proteção. De outro lado, a criança que se vale de seus reflexos, sentidos e emoções para se fazer entender e, logo, para cativar os que a cercam.

As emoções estimulam reações sociais, pois crianças demonstram alegria quando estão cercadas por outras pessoas, especialmente suas mães.

O temperamento age como um regulador da forma de expressão das emoções e é fortemente determinado pelos fatores genéticos, mas sua expressão depende muito da forma como a criança é estimulada pelos adultos. Quando está consolidado, estabelece a forma como a criança se relaciona com o outro e com o mundo: se é mais ou menos "dada", mais ou menos atirada. Segundo Maturama (2001, p.46) "nada ocorre nos animais que não estejam fundados numa emoção".

A interação dos dois fatores - emoções e temperamento - e os contextos em que vivem tornam as crianças muito diferentes umas das outras na sua forma de interagir: Há crianças "difíceis", crianças positivas e exuberantes e crianças mais lentas para se "ligar". A forma como os adultos interagem e respondem a essas tendências naturais constitui uma variável crítica para ajudar as crianças a desenvolverem relações sociais adequadas: pais e cuidadores que lidam com crianças "difíceis" precisam desenvolver relações muito próximas a elas; com crianças positivas e exuberantes", é preciso protegê-las dos perigos; crianças mais "lentas" precisam de um pouco mais de tempo para se ajustar.

O desenvolvimento de relações sociais saudáveis, portanto, depende de um ajuste adequado entre as tendências da criança, especialmente seu temperamento e a forma como é tratada pelos adultos. Não é justificável culpar os pais, especialmente as mães, por tudo que acontece com a criança. Mas, também, não se pode atribuir à genética todos os problemas de ajustamento, pois há muita coisa que depende de interações adequadas (Oliveira, 2017, p.161).

O apego é um dos fenômenos mais conhecidos e mais estudados no campo do desenvolvimento infantil.

Apego é um vínculo emocional duradouro de uma pessoa em relação à outra. Esses vínculos começam a se formar nos primeiros meses de vida, consolidam-se por volta dos doze meses e permanecem fortes para o resto da vida. Mais que isso: há estudos que demonstram que esses vínculos, mais tarde, irão modelar a forma de agir dos adultos, nas suas relações com seus parceiros (marido, namorado) e com os próprios filhos.

Primeiro, o vínculo de apego é mútuo. Apego é uma relação mútua, que aumenta a probabilidade de sincronia de comportamentos e sentimentos. Segundo, as crianças procuram ficar próximas do seu cuidador, mas quando o apego é seguro, arriscam-se a explorar o ambiente, enquanto mantêm um olho ocasional no

cuidador. A recíproca também é verdadeira - um adulto maduro deseja estimular a autonomia e a independência da criança (Oliveira, 2017, p.163).

Estudos sugerem que a função do apego é preparar o indivíduo para se adaptar à vida social como adulto, o que é essencial para a sobrevivência e a reprodução. A criança pode formar o vínculo de apego em diferentes momentos de sua vida, com diferentes pessoas ou com mais de uma pessoa. O essencial é que, nos anos iniciais de vida, a criança tenha pelo menos um adulto com o qual mantenha esse vínculo, pois esta é a base para se aventurar no mundo de maneira segura (Pearce, 2007, Lyons et al, 2013).

O filósofo Jean Jacques Rousseau dizia que "o homem é bom, a sociedade o corrompe", muito de nosso comportamento é ditado pela natureza, pois somos criados para sobreviver e adaptar. Outro filósofo, Hobbes, dizia que "o homem é o lobo do homem", mas muito do que consideramos bom ou mal, certo ou errado, depende da cultura e mesmo das circunstâncias. Podemos, por exemplo, considerar moralmente justificável que o soldado mate o inimigo para defender nossa pátria de uma invasão ou que uma pessoa possa matar em legítima defesa, mesmo quando acreditamos que matar uma pessoa seja moralmente injustificável (Oliveira, 2017).

Natureza e ambiente influenciam no desenvolvimento dos padrões morais da criança, bem como sua idade. O desenvolvimento normal do cérebro cria condições para a criança aprender a distinguir entre certo e errado.

A condição para adquirir o comportamento moral se dá nos primeiros meses de vida, quando se estabelecem as relações entre adultos e crianças. Como documentado nos estudos realizados em orfanatos na Romênia, crianças criadas em ambientes com alto nível de isolamento e baixo nível de interação com adultos, que nunca respondem ou respondem de forma aleatória suas demandas de sobrevivência, produzem elevados níveis de descarga hormonal que afetam a formação das áreas cerebrais relacionadas com o estabelecimento do sentido de responsabilidade e culpa, e padrões de inibição de emoções e comportamentos agressivos e antissociais. Crianças que foram criadas em situações de abandono, mal tratadas ou tratadas de forma inconsistente podem não adquirir os mecanismos neuronais, que lhe permitem estabelecer relações de causa-efeito em relação às expectativas e comportamentos morais.

Em vários de seus estudos e no seu livro *O juízo moral da criança*, Jean Piaget (1932) identificou os jogos e as brincadeiras infantis como instrumentos que

as crianças usam naturalmente para desenvolver sua consciência moral. Os vários tipos de jogos, regras, comandos e trocas de comando vão ajudando a criança a identificar padrões e critérios para pautar o seu comportamento pessoal e social. Por meio de brincadeiras, as crianças aprendem regras, certo e errado, e a se relacionar com os outros. Esta observação de Piaget reforça a importância de dar tempo e espaço para que as crianças tomem iniciativas, desenvolvam suas brincadeiras, criem suas regras e aprendam com as consequências, de outra forma sempre irão absorver regras prontas ditadas por outros e, dessa forma, prejudicar a formação de sua consciência moral (Oliveira, 2017, p.174).

Jogos e brincadeiras permitem-nos entender com maior profundidade a relação entre os vários aspectos do desenvolvimento.

Uma observação atenta do famoso quadro "Brinquedos Infantis", de Pieter Brueghel, datado de 1560, mostra mais de duzentas crianças envolvidas em pelo menos setenta e cinco brincadeiras diferentes. O nome original do quadro é "Kinderspiele". Muitas dessas brincadeiras, também, podem ser observadas em primatas, mas algumas delas são típicas dos seres humanos, tais como rituais, procissões, expressões faciais de bonecas ou o uso de máscaras e de regras, inclusive em jogos físicos (Orme, 2001).

Brincar é fruto de nossa herança biológica e tem um alto valor para nossa sobrevivência e evolução como espécie. O alto consumo de energia relacionado a uma atividade a que crianças, naturalmente, dedicam de três a vinte por cento de seu tempo, reforça essa suspeita (Smith, 2008).

Brincadeiras são observáveis, tanto do ponto de vista fenomenológico quanto neurobiológico. A neurobiologia confirma as evidências empíricas que estão associadas ao prazer, alegria, emoção e a outros estados emocionais positivos. Esses, por sua vez, estão associados a uma predisposição que torna os indivíduos mais abertos para experimentarem e aprenderem. Jogos e brincadeiras, frequentemente, envolvem intensa atividade física. Em outras palavras: jogos e brincadeiras estão intimamente associados com o desenvolvimento físico, emocional, pessoal, social e cognitivo (Oliveira, 2017).

3.3 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

As crianças sabem muito, aprendem muito e podem saber muito mais. Como explicar essa enorme capacidade de aprendizagem das crianças? Como elas se desenvolvem? O quanto as crianças são capazes de saber? (Oliveira, 2017, p. 228).

Estudos revistos por Berger (2009) e Siegler et al. (2011) indicam que, já no primeiro dia de vida, a criança é capaz de incríveis proezas cognitivas e essas proezas aumentam de maneira espetacular a cada semana que passa. Crianças são capazes de aprender conceitos ou pelo menos rudimentos de conceitos bastante complexos. Logo, por exemplo, entendem de alguma forma, que alguns objetos se movem sozinhos (pessoas), outros só se movem se alguém joga, pega ou empurra e outros ainda estão sempre no mesmo lugar, como a parede, as montanhas etc. Com poucas semanas de vida, aprende que uma corda amarrada no seu pé pode mover o móvel em cima do berço, se fizer o movimento certo. Essas não são meras atividades motoras, mas envolvem entendimentos de relações de causa e efeito:

eu choro -> a mãe acode

eu mexo com o pé > o móvel balança (Oliveira, 2017, p. 228).

Lisa Feigenson e seus colaboradores (Kibbe, 2016; Stahl, 2015) realizaram diversos experimentos para entender as estratégias usadas pelas crianças para ampliar a sua capacidade de aprender. Um de seus experimentos demonstra que as crianças agrupam os objetos em sua memória de trabalho e usam regularidades temporais para se lembrar dos objetos apresentados. Em outro experimento, os experimentadores introduziram um elemento "surpresa" como pista para a aprendizagem: quando os mesmos objetos do parágrafo anterior se comportam de maneiras pouco usuais, como, por exemplo, apareciam atravessando uma parede ou contornando o canto de uma mesa sem cair. As crianças observavam esses objetos com muita atenção e, posteriormente, quando podiam pegá-los, batiam-nos com força no solo, para testar se realmente eram sólidos e pesados (Oliveira, 2017, p. 228).

A criança não nasce sabendo, mas nasce com capacidade para aprender, pois nasce apta para processar informações, o que lhe permite pensar, articular informações, tirar conclusões, enfim, raciocinar. Essas capacidades dizem respeito ao desenvolvimento cognitivo da criança. Como essas capacidades se desenvolvem? (Oliveira, 2017, p. 229).

Como a criança aprende que cachorro, gato e cavalo são animais e têm quatro pernas, que a cadeira também tem quatro pernas, mas não é animal? Ou que o cachorrinho com bateria se move, mas não é gente? (Oliveira, 2017, p. 229).

Essas perguntas sugerem a extensão e a complexidade dos conhecimentos que a criança precisa para entender o mundo, para se desenvolver do ponto de vista cognitivo.

Todos sabem que a criança não é um adulto em miniatura. Ela apresenta várias características e comportamentos próprios de criança, alguns próprios de adulto e outros que ficam pelo meio do caminho. O mesmo ocorre com o desenvolvimento cognitivo, com a capacidade de aprender e de pensar. A criança não pensa igual a um adulto, pois sabemos que ela não é capaz de lidar com grandes quantidades de informação ou de pensar de maneira lógica, como é típico de um adulto. Mas, também, sabemos que:

a) a criança é uma poderosa máquina de aprender;

b) As crianças se surpreendem pela quantidade de coisas que são capazes de entender, aprender e fazer (Oliveira, 2017, p. 229).

Ao longo do século passado, predominaram na psicologia do desenvolvimento as explicações propostas pelo psicólogo Jean Piaget. Em poucas palavras: ele tentou explicar que o processo de desenvolvimento passava por estágios e, em cada estágio, havia temas e formas bastante específicas da criança aprender. Isso, também, implicava que a criança só seria capaz de aprender certas coisas em determinados estágios ou idades, se todas as condições estivessem adequadas. Estudos posteriores mostram que o desenvolvimento cognitivo é muito mais desigual do que Piaget teria inicialmente sugerido, pois se as crianças forem estimuladas de forma adequada demonstram capacidades de entender e lidar com determinados fenômenos muito mais cedo do que Piaget supunha, em contrapartida, a falta de estímulo poderia atrasar ainda mais o desenvolvimento de algumas habilidades (Oliveira, 2017, p. 229).

Um conceito bastante difundido entre educadores, a partir da década de 1990, é o de "tarefas apropriadas à idade". Esse conceito deriva de uma interpretação quase sempre incorreta a respeito do que significam marcos de desenvolvimento e, especialmente, do que uma criança pode ou não aprender ao longo de sua infância. Marcos de desenvolvimento refere-se às expectativas a respeito do que a maioria das crianças é capaz de fazer em determinados

momentos de seu desenvolvimento. Mais do que etapas ou fases rígidas, esses marcos servem para indicar dois aspectos do desenvolvimento. De um lado, a sequência, que em muitos casos tende a seguir determinados padrões e isso é especialmente verdadeiro no caso dos aspectos físicos, motores e de linguagem. Por outro lado, sugerem uma semelhança muito maior do que diferenças nas atividades e formas que atraem e entretêm as crianças. O fato de que crianças passam horas diante de uma tela de computador ou smartphone não invalida essa observação, apenas sugere que padrões culturais podem mudar e que podem impor um preço muito alto ao desenvolvimento da criança (Oliveira, 2017, p. 229).

No caso do desenvolvimento cognitivo, o conceito de "tarefas apropriadas à idade" não é adequado por uma razão muito simples: o que a criança pode ou não compreender depende muito da forma como a tarefa é apresentada. Se uma determinada abstração (quadrúpede, por exemplo) pode ou não ser aprendida, vai depender muito mais do que a criança já sabe sobre animais e cachorros do que de algo pré determinado biologicamente (Willingham, 2015). O conhecimento das crianças desenvolve-se e o faz muito rapidamente, dependendo do ambiente e dos estímulos que recebem e não apenas de padrões ou estágios fixos de desenvolvimento. Saber quais são essas tarefas exige um conhecimento profundo, tanto do processo do desenvolvimento infantil quanto da criança (Oliveira, 2017, p.230).

O ambiente no qual o indivíduo está inserido tem influências diretas no seu desenvolvimento, sendo assim, ele é constituído de aspecto biológico e ambiental. Os fatores ambientais são constituídos a partir da relação do indivíduo com o meio social e é denominado como internalização que é a relação do ser com o mundo através de mediação dos instrumentos (ferramenta física) e os signos (ferramentas psicológicas) (Vygotsky, s.d, p.20).

A discussão acerca da importância do meio no desenvolvimento infantil tem em Walló (1989) e Vygotsky (1984) seus legítimos representantes. A partir da perspectiva sócio histórica de desenvolvimento, esses teóricos relacionam afetividade, linguagem e cognição com as práticas sociais, ao discutirem a psicologia humana em seu enfoque psicológico. Desse modo, na visão de ambos, o meio social é fator preponderante no desenvolvimento dos indivíduos (Horn, 2004).

4. A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE

As crianças nascem com uma capacidade genética enorme que lhes permite explorar, discernir e interpretar a realidade através de seus sentimentos. Pesquisas neurobiológicas têm mostrado claramente o coprotagonismo dos sentidos na construção do conhecimento e na memória individual e coletiva. Isso quer dizer que um ambiente não estimulante tende a diminuir e a aturdir nossas percepções (Ceppi, 2013).

Segundo Piaget (1978), a representação do espaço para a criança é uma construção internalizada a partir das ações e das manipulações sobre o ambiente espacial próximo do qual ela se faz.

Portanto, não basta a criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente (Rosseti, 1999).

É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções. Essa qualificação do espaço físico é que o transforma em um ambiente (Horn, 2004).

Forneiro (1998) afirma que um dos critérios que devem ser considerados quando pensamos em espaços desafiadores e provocadores de interações e aprendizagens na educação infantil é a possibilidade dessa organização espacial ser transformada. Para isso, os móveis devem ser flexíveis, os objetos e os materiais devem estar diretamente relacionados às situações imprevisíveis que ocorrem ao longo da jornada de trabalho e que não foram necessariamente planejadas (Horn, 2004).

Segundo Abreu (2015), o ambiente projetado para promover o bem-estar deve imprimir a identidade dos usuários que ali se inserem, ao passo que proporcione um sentimento de pertencimento e promova a ambiência (Amaral, 2016).

O Blog da instituição Villa Global Education, tudo o que é colorido chama muita atenção das crianças. Os pequenos costumam ficar encantados e vidrados diante do universo cheio de cores que os rodeia. Mas, além da ludicidade, as cores na educação infantil são excelentes para estimular o desenvolvimento das crianças. O uso de cores na educação infantil, principalmente as mais vibrantes, como

vermelho, amarelo e laranja, contribui para o desenvolvimento da capacidade motora e cognitiva.

Os primeiros estudos sobre o impacto das cores no cérebro foram conduzidos pelo filósofo e cientista Wolfgang Von Goethe. Nos dias atuais, essas pesquisas têm recebido maior destaque, com o aprofundamento cada vez maior sobre as cores e suas influências psicológicas, ampliando o debate e trazendo descobertas reveladoras sobre como as tonalidades afetam o humor, a concentração e a criatividade.

“O reconhecimento de cores é uma parte essencial do desenvolvimento cognitivo na infância, impactando áreas como o aprendizado da linguagem, a escrita, a fala, associação de cores e objetos, nomeação de sentimentos e até mesmo a coordenação dos olhos”, explica Caroline da Costa Sousa, pós-graduada em psicologia da infância e especialista em saúde pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Segundo a psicóloga alemã Eva Heller, autora do livro “A Psicologia das Cores”, as cores têm diversas utilidades e estão presentes na arquitetura, publicidade e também na psicologia. Em seus textos, ela traz exemplos de como somos influenciados por elas. Por exemplo, tons suaves de azul e verde no ambiente tendem a transmitir calma e tranquilidade, tornando o espaço propício para a concentração e o aprendizado.

Por outro lado, cores vibrantes como o amarelo podem inspirar a criatividade; já os tons mais quentes, como o vermelho, podem aumentar a fome, a atividade e a excitação, mas também podem gerar sobrecarga sensorial, se usados em excesso.

A psicóloga Caroline ainda complementa que as cores ideais para promover atenção e foco variam de acordo com a faixa etária e o objetivo do espaço, sendo que tons mais quentes, como o laranja, podem ser mais cativantes para crianças entre cinco e nove anos, enquanto o azul é associado à calma e facilita o aprendizado de adolescentes.

O espaço criado para a criança deverá estar organizado de acordo com a sua faixa etária, isto é, propondo desafios cognitivos e motores que a farão avançar no desenvolvimento de suas potencialidades (Hank, s.d).

“Para a criança, o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão, é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno, é poder correr ou ter de ficar quieto, é esse lugar onde pode ir, olhar, ler, pensar.[...]O

espaço é em cima, embaixo é tocar ou não chegar a tocar, é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio, são tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor[...]O espaço, então, começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono, desde quando, com a luz retornamos ao espaço” (Fornero, 1998).

4.1 A ERGONOMIA PARA AMBIENTES INFANTIS

Ergonomia é um termo formado pelas palavras ergon (grego de “trabalho”) e nomos (grego de “regras”). De acordo com a IEA (International Ergonomics Association), a ergonomia/fatores humanos (ou FH/E) é a ciência que estuda a interação dos seres humanos com outros meios, visando o bem-estar humano e um melhor desempenho da atividade utilizando recursos teóricos e práticos. A Ergonomia e sua área de atuação, no Brasil, são caracterizadas de acordo com a Norma Regulamentadora nº17 (NR-17).

Cada vez mais há uma consciência social da importância do design. Hoje é sabido que a concepção de produtos ou ambientes qualificados tem interferência direta na rentabilidade, eficácia e conforto das atividades humanas, sendo assim, a ergonomia é uma ciência de grande importância para o design em geral.

Existem vários aspectos a serem estudados na ergonomia, sendo 3 deles mais relevantes, que são: Fatores Físicos, Cognitivos e Organizacionais.

Tendo em vista os Fatores Físicos, são estudadas questões anatômicas, fisiológicas e biomecânicas, ou seja, postura corporal (trabalho sentado ou em pé, posição dos membros superiores, inferiores e coluna etc.), movimentação (movimentos repetitivos, carregamento de materiais etc.) e fatores ambientais (iluminação, ruídos, carga horária, ventilação etc.) (IEA, 2000).

Os Fatores Cognitivos estão relacionados aos aspectos mentais, como percepção, memória, resposta motora e raciocínio, os quais podem afetar a interação social e com o ambiente de trabalho/atividade. Exemplos de problemas ergonômicos do tipo cognitivo podem ser estresse, dificuldade em tomar decisões, excesso de carga de trabalho mental e falta de atenção (IEA, 2000).

A Ergonomia do tipo Organizacional estuda a participação dos trabalhadores, cooperação (trabalhos em equipe), processos organizacionais (organização de tarefas), políticas e comunicação (IEA, 2000). A FH/E tem como princípios promover

a qualidade de vida, utilização da tecnologia a favor dos seres humanos, respeito às diferenças individuais e responsabilidade para todas as partes (IEA, 2000).

Uma das fases de maior importância na vida do ser humano é a infância. Fase onde o indivíduo está em constante desenvolvimento físico e mental, e muito sensível aos estímulos, bons ou ruins, que o ambiente ou os objetos podem lhe proporcionar.

Mais do que simplesmente conhecer as dimensões da criança, é importante conhecê-la em seus aspectos psicossociais e comportamentais. Para isso, foram estudadas as fases do desenvolvimento infantil, segundo a obra de Jean Piaget.

A ergonomia é definida como a adaptação do trabalho ao homem. Segundo a Ergonomics Research Society, "Ergonomia é o estudo do relacionamento entre o homem e seu trabalho, equipamento e ambiente, e particularmente a aplicação dos conhecimentos de anatomia, fisiologia e psicologia na solução dos problemas surgidos desse relacionamento." (Iida, 1991).

A disciplina desenvolveu-se, principalmente, a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no momento em que os pesquisadores e projetistas incidiram a sua atenção na concepção de sistemas e equipamentos bélicos cada vez mais adequados às características dos militares operadores, e posteriormente empregando esses conhecimentos na vida civil, diminuindo a fadiga e os acidentes dos trabalhadores.

Durante algum tempo, a Ergonomia teve como principal campo de aplicação às situações de trabalho, mas, atualmente, já se aplica a todas as áreas da vida, quer sejam a área doméstica ou até as atividades de lazer e sociais.

O objetivo da Ergonomia resume-se então, em procurar aperfeiçoar as interações entre o Homem e os objetos, promovendo segurança, saúde e o bem-estar do usuário, tal como a eficácia do sistema em que está envolvido.

Se para o adulto a ergonomia está principalmente ligada ao seu rendimento no trabalho, para a criança a ergonomia está ligada ao brincar e o estudar.

A infância é um período de grande desenvolvimento físico, marcado pelo gradual crescimento da altura e do peso da criança. E é nessa fase que os primeiros problemas relacionados à ergonomia começam a aparecer.

Alguns pesquisadores sugerem que as crianças estão sujeitas aos mesmos riscos (ou talvez maiores) do que os adultos, uma vez que estão expostas aos mesmos perigos. Por exemplo, se o trabalho com um computador pode provocar

lesões por esforços repetitivos e problemas de visão nos adultos, o que fará a uma criança que está em fase de crescimento?

Há uma grande variável de dimensões corporais, entre as faixas etárias. Assim, o mobiliário com o qual a criança tem contato direto, não pode manter as mesmas proporções nos diversos tamanhos. Logo, este mobiliário deve ser adaptado para cada idade e estatura das crianças.

Para que os móveis infantis sejam confortáveis e funcionais, é necessário que haja uma preocupação adequada com sua ergonomia. Isso influencia positivamente na formação saudável da criança.

O design de mobiliário infantil deve ter em conta as características dimensionais das crianças que o irão utilizar, para não comprometer o seu desenvolvimento físico e não dificultar o processo de aprendizagem causado pela falta de concentração decorrente de um desconforto músculo – esquelético (Grandjean, 1998).

A interação com o espaço para as crianças as torna suscetíveis aos mesmos riscos que os adultos enfrentam, uma vez que estão vulneráveis, expostos ao ambiente, isto posto, devemos atentar a escala de equipamentos presentes no meio de vivência, para que seja seguro e adequado ao uso (Lima; Rangel, 2008).

A escolha dos materiais, por exemplo, é uma das possibilidades de ajustes em um projeto, o conhecimento do Design em relação aos tipos de atividades desenvolvidas no local também é importante para definições de espaços criados (Lima; Rangel, 2008).

As crianças reagem de forma espontânea ao espaço, o que impacta diretamente em relação ao aprendizado. Segundo um estudo da Universidade de Salford, em 2015, 16% da melhoria da qualidade do aprendizado ao ano acontece quando as salas são bem projetadas e que a relação com a natureza ajuda a desenvolver uma melhor a plasticidade mental e quando as crianças se sentem apropriadas do espaço o sentimento de responsabilidade é mais bem elaborado.

4.2 O ESPAÇO FÍSICO DE APRENDIZAGEM

O espaço físico de uma sala de aula é um dos elementos participativos no processo de ensino e aprendizagem. Ele é usado pelas crianças e professores durante as atividades, brincadeiras e socialização. Quando planejado e organizado devidamente para cooperação com as tarefas que ali serão desenvolvidas no dia a

dia, ele pode se oferecer como uma ferramenta positiva para a melhor execução das atribuições quanto ao físico e cognitivo (Lima; Rangel, 2008).

As crianças e adolescentes brasileiros passam, em média, de 4 a 5 horas por dia na escola, sendo, o ambiente escolar, o espaço onde passam grande parte do dia, assim como os educadores e funcionários, sendo assim, é muito importante promover condições saudáveis que envolvem conforto, saúde e bem-estar impactando diretamente no aprendizado. Algumas medidas e normas técnicas simples podem tornar o ambiente mais saudável e seguro para todos (*School Center*, 2022).

Cada atividade desenvolvida para e com as crianças deve se encaixar adequadamente no espaço disponível para melhores resultados, por exemplo, um ambiente que é adequado para jogos de mesa, um lugar calmo e organizado para colaborar com a concentração das crianças, pode não ser o melhor, e em sua maioria não é, para brincadeiras mais expansivas que se utiliza muito o próprio corpo e energia das crianças. Reforçando-se que:

[...] a educação deve ser pensada considerando todo o seu contexto para promover desenvolvimento, isto é, para alcançar esse objetivo devemos pensar em um ambiente educacional para a Educação Infantil considerando as ações pedagógicas, a rotina e o espaço educativo. (Souto, Gil e Saito, 2015, p.25).

A sala de aula faz parte da aprendizagem, portanto deve ser estudado com a devida importância, conhecendo as suas peculiaridades e aprimorando o mesmo para a sua finalidade. Pensando em um ambiente de educação infantil, sabendo que a principal função ali é a de ensino, aprendizagem, cuidado e desenvolvimento da criança, é importante entender qual método de ensino é aplicado pela instituição de educação e professores (*School Center*, 2022).

Logo o espaço da educação infantil, “ [...] deve ser acolhedor, desafiador, criativo, instigante e, ao mesmo tempo, seguro” (Lira e Saito, 2012, p.110; Souto, 2015, p. 25). A criança precisa se sentir livre para vivenciar novos desafios, participar do momento como sujeito ativo em que o espaço físico, vai se tornar também um ambiente agradável e propício ao aprender, tornando-se motivador.

A ordenação dos ambientes deverá sempre enfatizar o caráter lúdico e educativo da instituição, oferecendo espaços de recreação, convivência coletiva ou de pequenos grupos, e áreas mais reservadas que assegurem a necessidade de concentração individual, de descanso, ou mesmo o desejo de estar sozinho. Os

espaços de convivência irão estimular atividades e estudos em grupo, facilitando a aquisição do conhecimento e a troca de informações. Além das áreas específicas destinadas a esse fim, podem também funcionar em determinados trechos mais amplos de circulações horizontais, suavizando a desagradável sensação proporcionada pela grande extensão de corredores, o que tradicionalmente ocorre nas soluções pavilhonares adotadas nos projetos do edifício escolar. (Azevedo, 2002, p.15).

Para desenvolver um bom design de ambiente, que vai “abraçar” o que o projeto realmente precisa para satisfazer as necessidades apresentadas pelos usuários, o mesmo deve buscar conhecer quais as atividades que serão desenvolvidas ali, quem vai usar o espaço e para qual finalidade ele será realizado (Wilana, 2022).

O que não pode ser negligenciado, é o fato de que o ambiente usado pelas crianças deve ser pensado e feito para elas, principal indivíduo envolvido de acordo com as suas necessidades. Ser agradável, respeitar suas preferências dentro do possível, já que são seres individuais, ser atrativo no quesito aprendizagem e desenvolvimento, e ser acessível a elas em todos os sentidos (Wilana, 2022).

Dentre os usuários do espaço escolar, encontra-se também o professor atuando como mediador para as crianças durante o desenvolvimento das mesmas, no que diz respeito ao espaço escolar. Como abordado no artigo “A organização do espaço na educação infantil: algumas reflexões”, de Souto, Gil e Saito (2015), o professor tem a necessidade de usar e conhecer o ambiente de aprendizagem; entender a organização do espaço é importante e contribui para o mesmo em seu trabalho adequando-o para a prática pedagógica que ele exerce em suas atividades.

O espaço físico deve ser bem planejado para a criança, para o seu desenvolvimento social e para a sua aprendizagem, deve ser também favorável ao professor para a sua mediação durante esse processo. Na função do mediador desse processo há a responsabilidade de organizar, planejar e supervisionar as atividades e interações das crianças durante a sua aprendizagem.

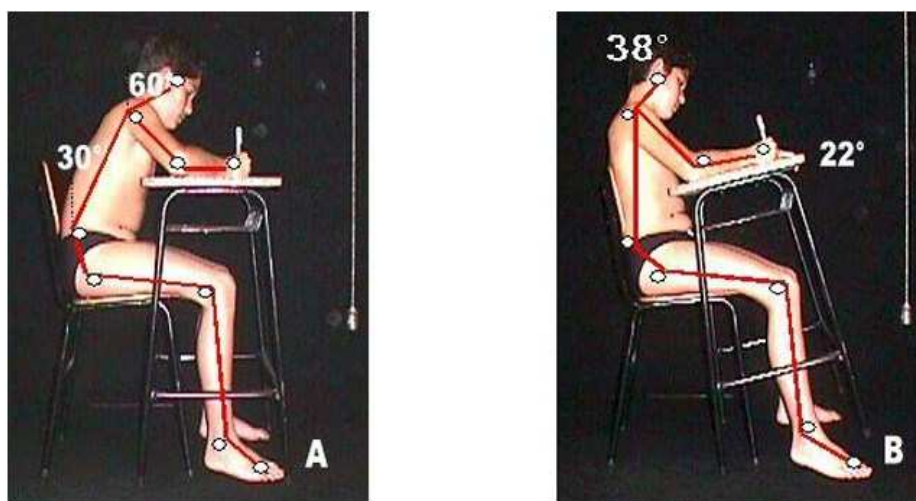
A disposição de móveis e equipamentos é uma das questões de ergonomia que devem ser analisadas no ambiente escolar. É preciso atentar-se à localização de carteiras, mesas, lousas, mochilas e outros objetos, para que a movimentação de alunos e professores não seja obstruída, além de evitar problemas como reflexo e sombras.

Também é necessário ter conhecimento sobre a altura das mesas e carteiras, porque, muitas vezes, elas não atendem às especificidades ergonômicas de cada estudante, podendo acarretar problemas de desconforto, dores musculares e problemas posturais. Além disso, mesas que apresentam cantos vivos, por exemplo, necessitam de proteção ou arredondamento, para evitar compressões de partes do corpo (Medeiros et al, 2006).

Segundo um estudo realizado por Moro (2005):

No mobiliário tradicional, de altura fixa, algumas crianças são forçadas a se posicionarem nas bordas do assento, na tentativa de evitar que os pés fiquem sem o apoio do chão e, também, diminuir a pressão excessiva na parte posterior da coxa. Portanto, as alturas de mesas e cadeiras são geralmente impróprias para o uso, podendo originar problemas posturais de relativa gravidade. (Moro, 2005, p.80).

Figura 11 - Posição do aluno de acordo com o posicionamento da mesa em sala de aula



Fonte: Moro, 2005

Na foto A, o aluno está utilizando o mobiliário tradicional das escolas, em que ele se inclina para conseguir ter uma melhor visão do que está posto em cima da mesa, podendo gerar desconforto por dores lombares e cervicais (Moro, 2005).

Na foto B, o aluno posicionou a mesa de forma a diminuir o desconforto que sentia. Com essa mudança, não houve inclinação das costas e diminuiu o arqueamento do pescoço, consequentemente reduzindo as dores que o aluno sentia devido à má postura (Moro, 2005).

Outra questão a ser analisada é a iluminação, pois uma iluminação ideal é imprescindível para garantir que os alunos e professores consigam se concentrar

durante as aulas, além de garantir o bem-estar. A ergonomia pode ser aplicada, nesse caso, com ajustes no tipo de luz, intensidade e posicionamento de lâmpadas de acordo com as necessidades dos estudantes e do docente (Hybiner, 2015).

O controle de temperatura é um fator importante nas condições ergonômicas em uma sala de aula, pois, em um ambiente com temperaturas muito elevadas ou muito baixas, tanto os alunos quanto os professores podem ter o desempenho físico e mental afetado, dificultando o aprendizado. De acordo com Pagel et al. (2022), “o desconforto térmico em espaços de aprendizagem é um fator de impacto na qualidade do ambiente interno afetando o comportamento, a concentração e o desempenho dos alunos”.

É de extrema importância controlar o tempo de estudo e realizar pausas para o relaxamento dos olhos, do corpo e da mente, podendo ser realizados também alongamentos e outros exercícios para o descanso e recuperação do corpo.

A aplicação da ergonomia nos estudos pode trazer diversas melhorias como a redução de doenças e acidentes, acarretando o bom desempenho do professor em ensinar e do estudante em aprender e a melhoria na qualidade de vida.

Segundo Santos et al. (2018, p. 15), “a aprendizagem pode ser melhorada ao se levar em consideração fatores como iluminação e ventilação, móveis e materiais em boas condições e até mesmo a quantidade de pessoas por sala.”. Com a ergonomia, os alunos conseguem se concentrar e aprender melhor, assim se sentindo mais motivados a estudarem.

Em suma, a ergonomia é necessária durante processos de educação em diversas formas de aprendizagem, tanto no ensino regular quanto em aulas multidisciplinares, tornando o ambiente escolar mais adaptado às necessidades do aluno, de forma a melhorar a transmissão e absorção de conhecimento e promover uma melhor qualidade de vida dentro de sala de aula.

5. PROJETO DE DESIGN DE INTERIORES

5.1 O BRIEFING

Lar Encanto é uma instituição fictícia, localizada no bairro da Gruta, Rua Joaquim Barbosa, 173, e fundada em 9 de março de 1987 por freiras da cidade de Maceió-AL, é uma instituição de acolhimento infantil para meninas carentes e que vivem em situação de vulnerabilidade, sua capacidade máxima é de até 30 jovens em cada turno.

Lar Encanto é uma sociedade sem fins lucrativos, de utilidade pública, através da lei nº2512 de 28/12/1962, registrada no conselho Nacional de assistência social (CNAS), sob nº5574/38, como Entidade de Fins Filantrópicos. Atualmente a instituição acolhe 30 meninas de 6 a 15 anos, de segunda-feira a sexta-feira, das 7h às 17h, no contra turno escolar, recebem reforço e duas refeições básicas.

As jovens atendidas pelo Lar recebem um acompanhamento integral, sendo assistidas por uma equipe multidisciplinar composta por coordenadores nas áreas administrativa, social, pedagógica e psicológica. Esse suporte visa promover o desenvolvimento completo das meninas, oferecendo não apenas o reforço escolar, mas também uma variedade de atividades que contribuem para o seu crescimento cognitivo, físico e pessoal. Entre as atividades disponibilizadas, destacam-se as lúdicas, esportivas, aulas de música, oficina de beleza, e outras ações voltadas para a construção de habilidades, autoestima e reintegração social. Essas iniciativas visam proporcionar um ambiente de aprendizado, lazer e desenvolvimento emocional, essencial para a formação integral das jovens.

O principal objetivo do Lar Encanto é proporcionar um ambiente acolhedor e digno para as meninas, promovendo o bem-estar social, a convivência familiar e comunitária. Além disso, busca garantir a reintegração positiva dessas meninas à sociedade, oferecendo-lhes as condições necessárias para o desenvolvimento emocional, educacional e social. O foco está na construção de um futuro mais inclusivo e de oportunidades para essas jovens, respeitando seus direitos e oferecendo suporte para superação de adversidades.

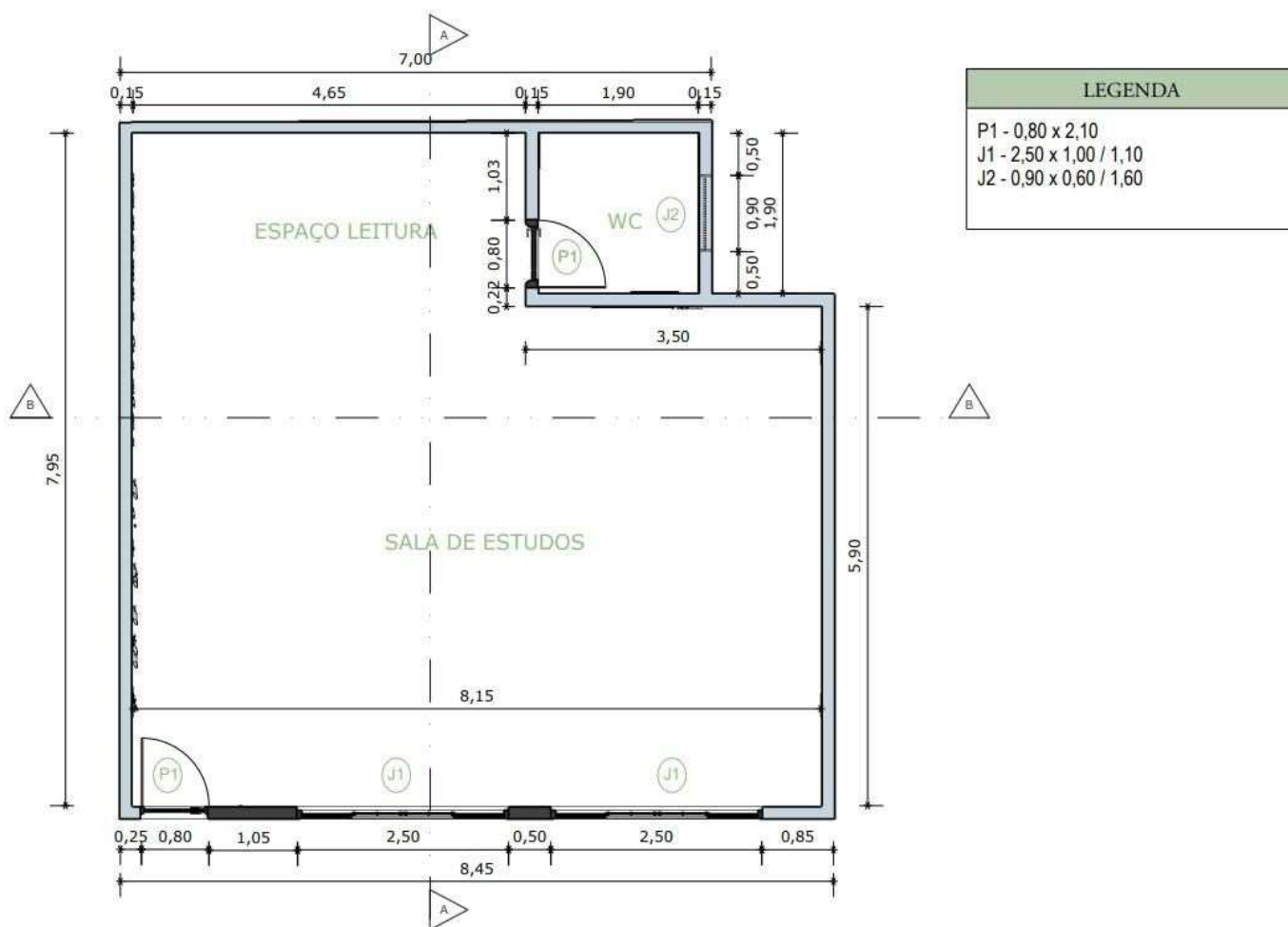
5.2 PÚBLICO ALVO

O Lar Encanto atende de forma pontual meninas de 6 a 15 anos, que se encontra em situação de carência e vulnerabilidade social. Essas jovens residem principalmente na parte alta da cidade de Maceió, em Alagoas.

5.3 ESTUDO DO LOCAL

A partir de visitas a instituições de acolhimento infantil e de uma análise aprofundada de estudos bibliográficos sobre a temática, foi concebido o projeto de um espaço fictício para uma sala de estudos voltada para as meninas em situação de acolhimento na cidade de Maceió-AL.

Figura 12 - Estudo do local.



Fonte: Autora, 2025.

A sala de estudo está dividida em espaço estudo focado em concentração e foco, espaço leitura para descontração, e o banheiro.

5.4 CONCEITO

Metamorfose é uma grande transformação que ocorre em certos animais durante seu ciclo de vida. Essa transformação envolve mudanças em sua estrutura, fisiologia e até mesmo nos seus hábitos de vida. A borboleta é um dos animais que passa por esse processo.

A lagarta sofre metamorfose, passando por diferentes etapas de desenvolvimento até se transformar em borboleta. Ao nascer (quando eclodem os ovos) tem a forma de lagarta (estágio de larva, muito ativas, sempre comendo folhas), depois fica encapsulada e imóvel (estágio de pupa, casulo ou crisálida) e enfim adquire asas e outras características da fase adulta, deixando o casulo.

Figura 13 – Conceito.



Fonte: Autora, 2025.

A comparação entre o ciclo de vida da borboleta e o processo de transformação das jovens no Lar Encanto transmite uma mensagem poderosa de crescimento, superação e renovação. Assim como a borboleta se transforma, as jovens no lar estão passando por um momento crucial de transição, deixando para trás a fase infantil e abraçando a complexidade e as possibilidades da adolescência.

5.5 PAINEL SEMÂNTICO E PALETA DE CORES

A criação do painel semântico foi uma ferramenta chave para traduzir o conceito em um formato visual, incorporando não só a ideia de evolução, mas também de renovação e transformação. O ciclo da lagarta, que passa por um processo de metamorfose até se tornar uma borboleta, foi escolhido para ilustrar o potencial de mudança e o crescimento contínuo das crianças.

Cada fase desse processo representa uma etapa do desenvolvimento infantil, mostrando como, assim como a lagarta, a criança também passa por transformações que a levam a se tornar uma versão mais forte, mais madura e mais capaz de enfrentar o mundo.

A lagarta, com sua simplicidade e fragilidade, simboliza a infância, onde as crianças estão em uma fase de constante aprendizagem e descobertas. Este estágio exige muito cuidado e apoio, pois é nele que as bases do desenvolvimento emocional, social e cognitivo são estabelecidas.

À medida que a lagarta entra no casulo, ela experimenta um processo de transformação profunda e invisível, um período de crescimento interno intenso, representando as fases intermediárias do desenvolvimento infantil, como a pré-adolescência, quando as crianças começam a explorar sua identidade e a expandir seus conhecimentos.

Finalmente, a borboleta, com sua beleza e capacidade de voar livremente, representa a fase adulta, simbolizando a plenitude do desenvolvimento humano. Esse estágio é o objetivo final da jornada de acolhimento: proporcionar a cada criança a base necessária para alcançar sua autonomia, confiança e realização pessoal.

Figura 14 - Painel semântico.



Fonte: Autora, 2025.

A definição da paleta de cores ocorreu a partir do painel semântico, com a escolha por tons pastéis para reforçar a leveza, a suavidade e a conexão com a natureza. O azul sereno do céu, o verde vívido das folhas, o amarelo caloroso do sol, o marrom acolhedor da terra e o rosa delicado revelam uma conexão sutil entre sentimento e ambiente.

5.6 PROGRAMA DE NECESSIDADES

Tabela 1 - Programa de Necessidades.

ITEM	DESCRIÇÃO	OBJETIVO	DIMENSÃO
Lousa branca	Confeccionado em MDF e sobreposto por laminado melamínico.	Para uso dos educadores com finalidade de ensino.	3,50x1,00x17
Ar condicionado	Philco split 12000 BTU branco 220v	Ventilação artificial do ambiente.	48x55x38
Mesa dobrável	Mesa dobrável em MDF Fassino Almendra.	Uso dos educadores.	1,00x41x71
Cadeira inova diretor	Medidas de regulagem final de: (A) 54	Uso dos educadores.	45x42x46
Mesa modular	Mesa modular em MDF Fassino Almendra.	Uso das acolhidas da instituição.	1,40x75x70
Cadeira borboleta	Conforto no aprendizado e bom desenvolvimento das acolhidas na instituição.	Uso das acolhidas da instituição.	41x45x45
Luminária	Pendente rústico de bambu	Iluminação artificial e uso decorativo	18x36
Painel árvore	Produzido em MDF Verde Real	Lúdico	
Armário	Produzido em MDF Verde Real	Espaço para armazenamento de materiais.	1,60x1,00x53
Puff saco	4 unidades – 2 na cor rosa e 2 na cor amarela	Distração, descanso, leitura.	70x100x90

Fonte: Autora, 2025.

5.7 MOODBOARD

Figura 15 – Moodboard.



Fonte: Autora, 2025.

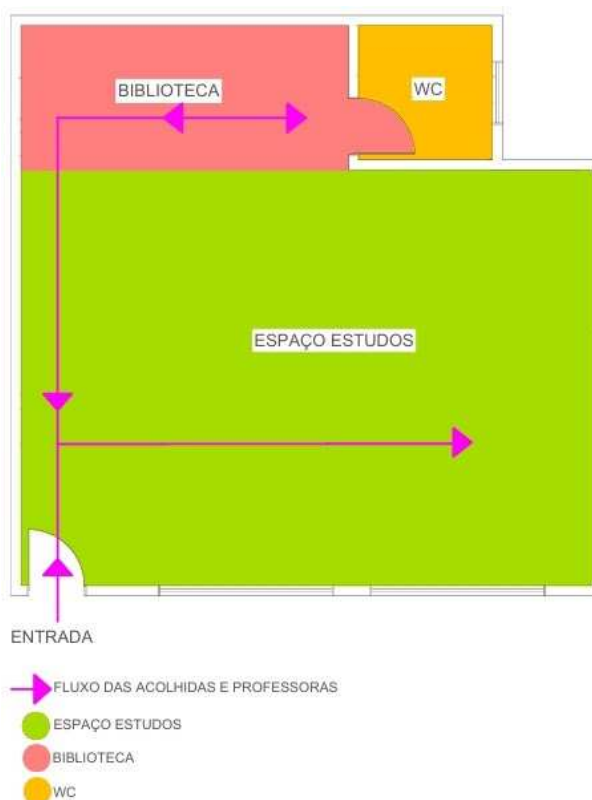
O *moodboard* é um elemento projetual que tem a função de ilustrar os materiais que farão parte da composição do espaço, facilitando o entendimento dos clientes durante a apresentação da especificação dos itens que compõem o projeto. Segundo Santos (2024), com o moodboard definido, é possível transmitir de forma mais lúdica e clara as ideias e conceitos que irão guiar o desenvolvimento do ambiente. No projeto Lar Encanto, a escolha dos materiais contempla mobiliários leves e confortáveis, cores suaves e o uso de madeira, sempre remetendo à natureza e promovendo uma atmosfera acolhedora.

5.8 ZONEAMENTO E FLUXOGRAMA

O zoneamento e fluxograma são ferramentas que auxiliam na análise e definição do layout do ambiente. Com compreensão de todo o espaço, é possível delimitar as zonas do ambiente de acordo com as atividades que ali serão desenvolvidas e manter ou estabelecer os fluxos do ambiente a ser projetado, informando com exatidão como funcionará a dinâmica do usuário com o espaço e aplicando os princípios da ergonomia no ambiente construído.

O zoneamento distingue as áreas do ambiente, classificando-as como íntimas, sociais ou de uso comum por visitantes e residentes. O fluxograma, por sua vez, direciona os caminhos percorridos pelos usuários, indicando se esses fluxos serão naturais ou induzidos, e influenciando diretamente a dinâmica de interação entre o usuário e o ambiente (Ziho, 2012).

Figura 16 – Zoneamento e Fluxograma.



Fonte: Autora, 2025

A Figura 17 apresenta o zoneamento e o fluxograma elaborados para a sala de estudo. O espaço está setorizado em três ambientes principais:

- Espaço de Estudos – reservado para atividades de aprendizado, reforço e dinâmicas;
- Biblioteca – destinada à leitura e momentos de descontração;
- WC – de uso exclusivo das acolhidas e professoras.

Essa divisão estabelece uma setorização funcional, na qual cada zona é destinada a uma atividade específica, mas todas se complementam, promovendo uma organização eficiente das tarefas. As setas rosas representam os fluxos de circulação e acesso das acolhidas e professoras.

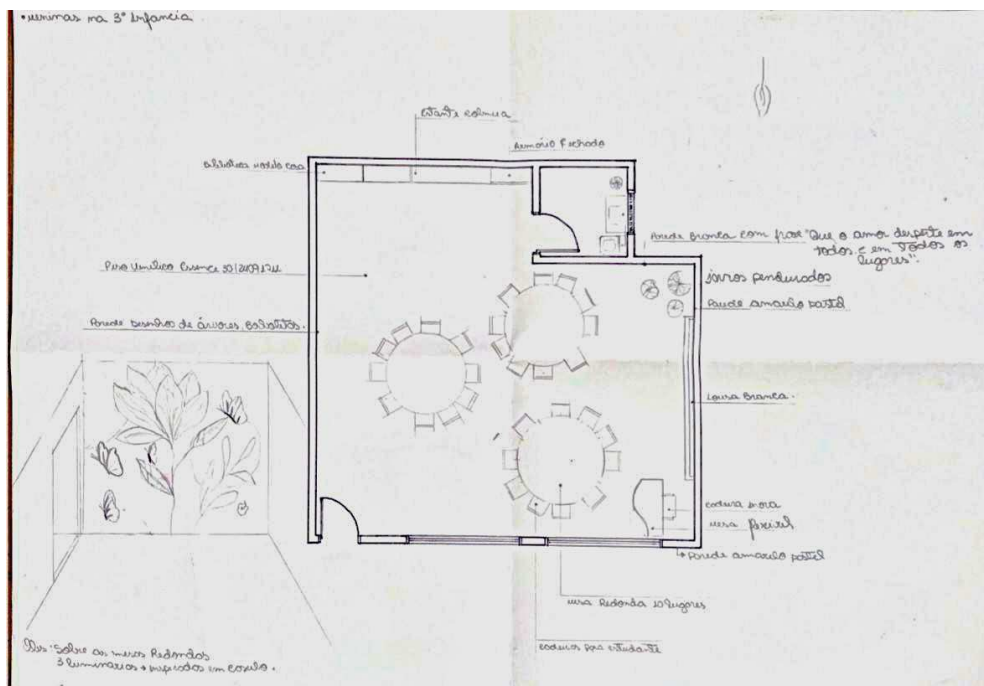
5.9 PROCESSO CRIATIVO

Com o fechamento de todo o briefing, a escolha do conceito, a criação do painel semântico e a elaboração do programa de necessidades, foi dado início ao desenvolvimento dos croquis, que visavam traduzir as ideias iniciais do projeto. A proposta era criar um layout que fosse fiel ao conceito de liberdade, fluidez e estimulação, estabelecendo um ambiente que atendesse às necessidades emocionais, sociais e cognitivas das crianças em acolhimento.

No início deste processo, os croquis apresentaram um layout mais restrito, com mobiliário preso e compartimentados, que não refletiam a proposta de um espaço aberto, fluido e inclusivo. Essas primeiras versões estavam totalmente divergentes do conceito de liberdade de movimento e integração que se pretendia.

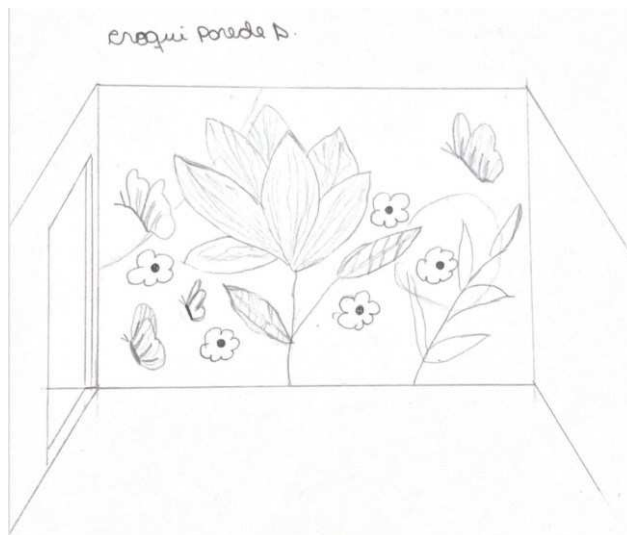
As Figuras 17, 18 e 19 ilustram uma das versões iniciais dos croquis, onde as áreas estão organizadas de forma muito segmentada e com layout rígido, o que limita as interações entre as crianças e dificulta a flexibilidade de uso do espaço. Essa abordagem se mostrou incompatível com a proposta de promover a interação social, a liberdade de expressão e a adaptação a diferentes necessidades pedagógicas e emocionais.

Figura 17 - Estudo do layout 1.



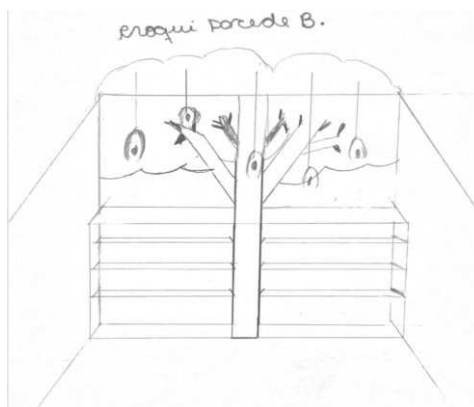
Fonte: Autora, 2025.

Figura 18 - Croqui 1 Painel floral da entrada.



Fonte: Autora, 2025.

Figura 19 - Croqui Mobiliário Lúdico 1 .

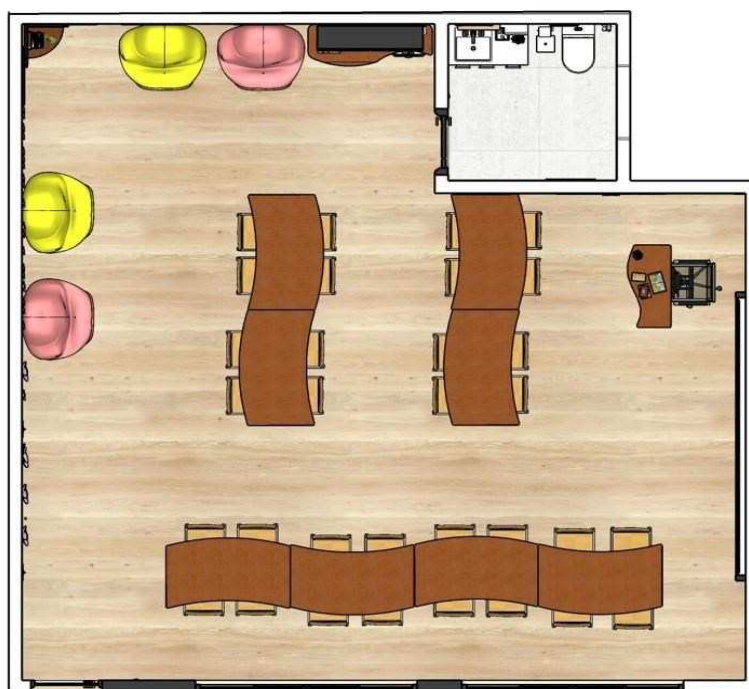


Fonte: Autora, 2025.

A partir dessa análise, foi necessário realizar uma revisão profunda dos croquis para que o projeto seguisse fielmente o conceito. A partir da análise aprofundada dos primeiros layouts, novas ideias foram testadas, com maior atenção à fluidez do espaço e ao estímulo de um ambiente que permitisse maior liberdade de movimento, integração entre os diferentes ambientes e uma melhor circulação de ar e luz natural.

O layout revisado se concentrou em criar áreas mais abertas e móveis modulares, que pudessem ser reorganizados conforme as necessidades do momento, possibilitando diversos arranjos de layout. A transição entre as áreas de leitura e estudos, passou a ser mais fluida, sem limites rígidos, permitindo que as crianças transitem e interajam entre os diferentes ambientes de forma orgânica (Figura 20, 21, 22 e 23).

Figura 20 - Estudo layout 2.



Fonte: Autora, 2025.

Figura 21 - Croqui 2 Painel floral da entrada.



Fonte: Autora, 2025.

Figura 22 – Croqui Mobiliários Lúdicos 2.



Fonte: Autora, 2025.

Figura 23 - Croqui Mobiliários Lúdicos 3.

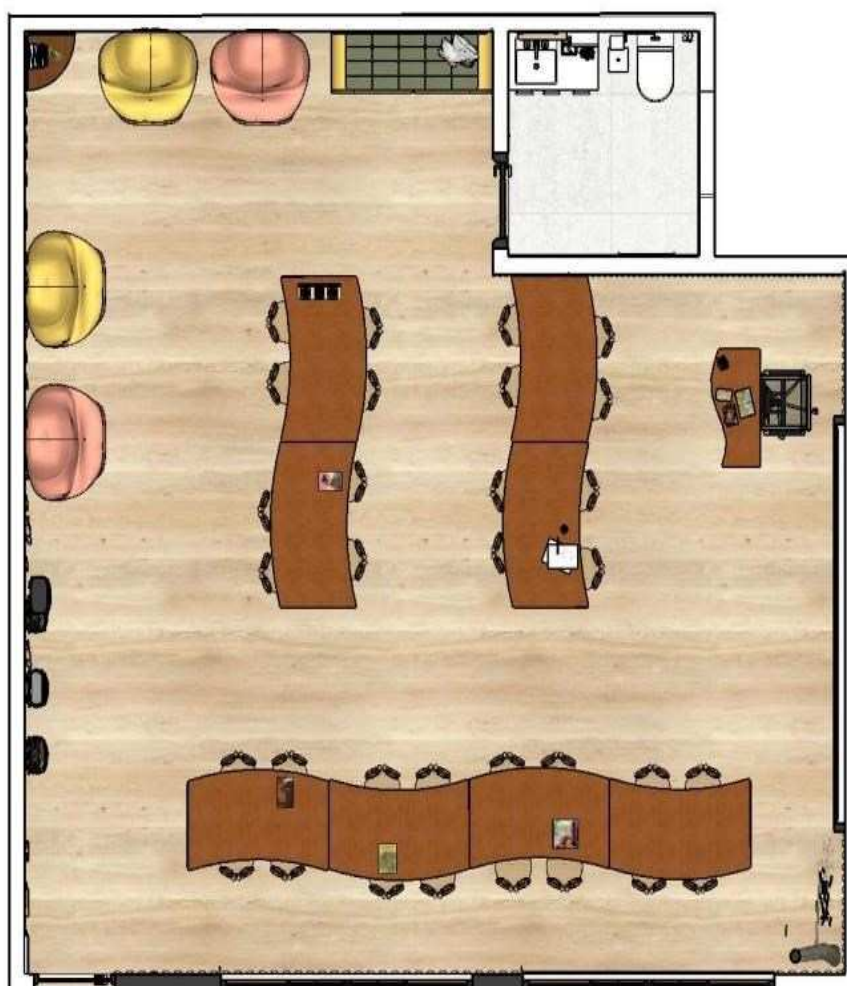


Fonte: Autora, 2025.

A fase inicial de desenvolvimento dos croquis, apesar de divergente da proposta do conceito, foi fundamental para identificar e corrigir as limitações do projeto, garantindo que o ambiente de acolhimento fosse, de fato, funcional e alinhado aos objetivos pedagógicos e emocionais. Esse processo de revisão dos croquis, com ajustes no layout e na distribuição dos espaços, permitiu que o projeto final se aproximasse mais do conceito de um ambiente acolhedor, aberto, interativo e inclusivo, proporcionando às crianças um local adequado para o seu desenvolvimento integral.

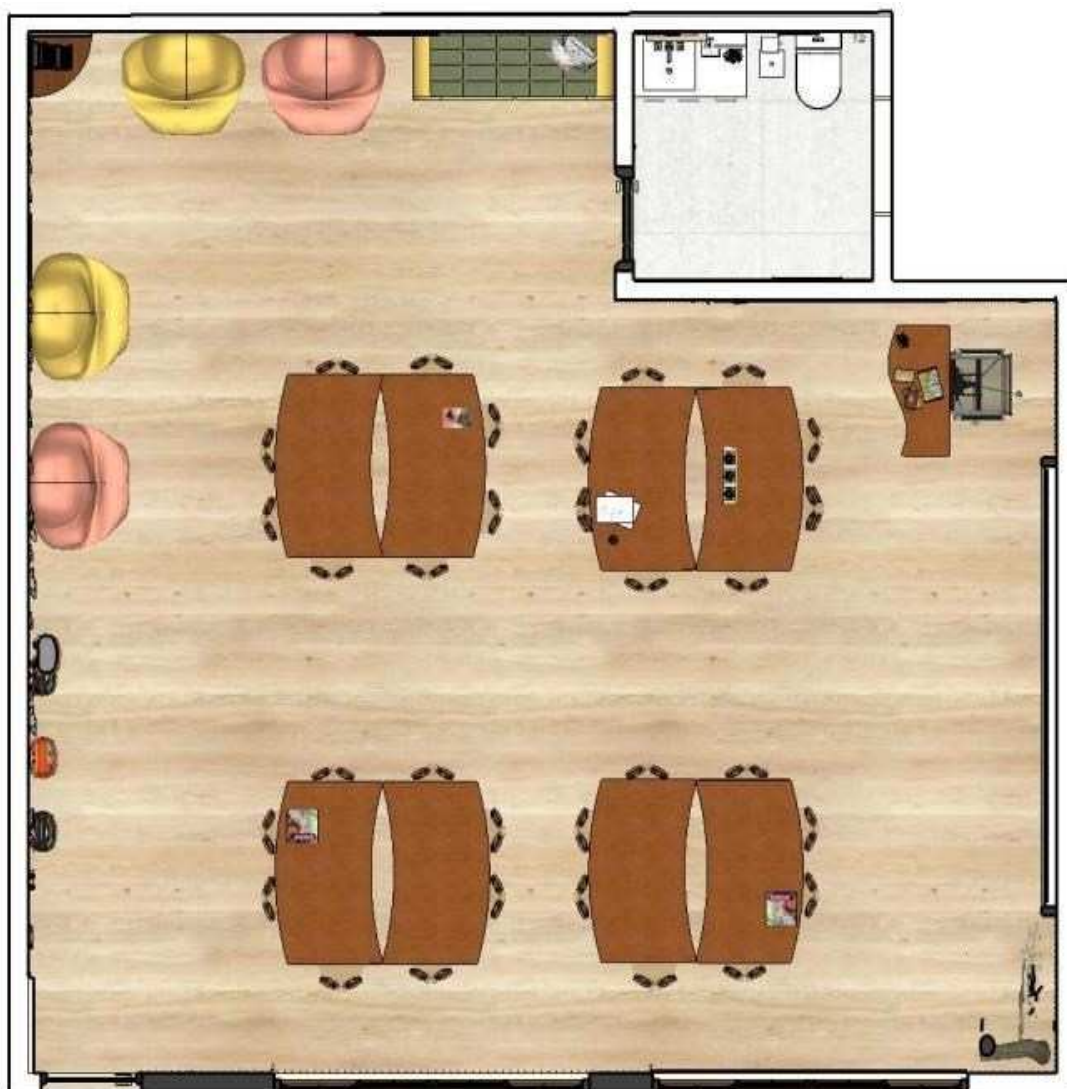
Com esses ajustes, o projeto evoluiu para um espaço mais fluido, que atende não apenas às necessidades práticas das crianças, mas também respeita suas particularidades emocionais e cognitivas. As mudanças realizadas durante a fase de croquis resultaram em um ambiente mais flexível, confortável e estimulante, possibilitando diversos arranjos de layout onde as mesas podem ser agrupadas de diferentes formas a depender das necessidades do momento, conforme pode ser visto nas figuras 24, 25 e 26, refletindo o compromisso com a criação de um espaço que realmente favoreça o bem-estar e a aprendizagem das mesmas.

Figura 24 - Layout definido.



Fonte: Autora, 2025.

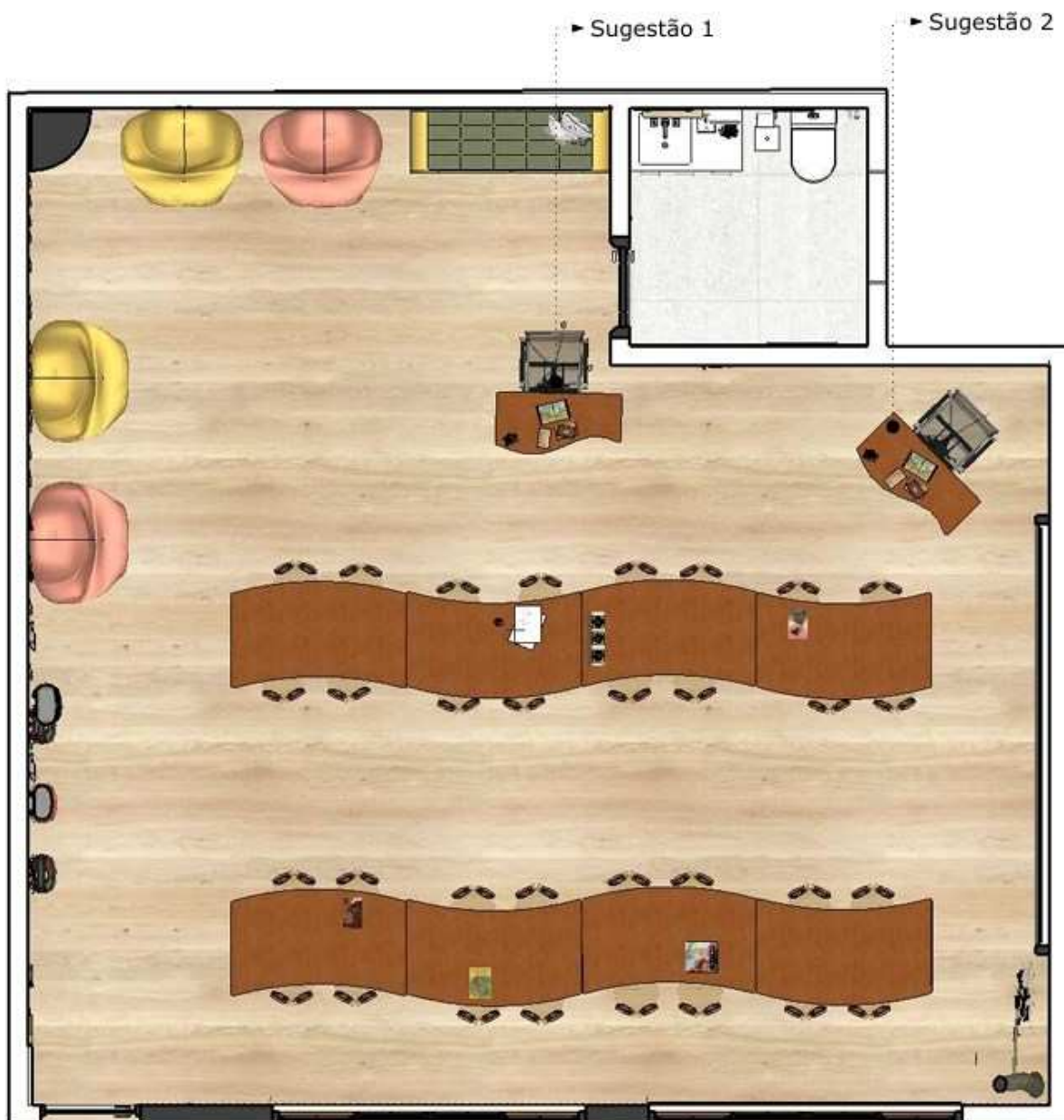
Figura 25 - Estudo 2 : posição das mesas.



5 ESTUDO: POSIÇÃO 2
Escala 1/50

Fonte: Autora, 2025.

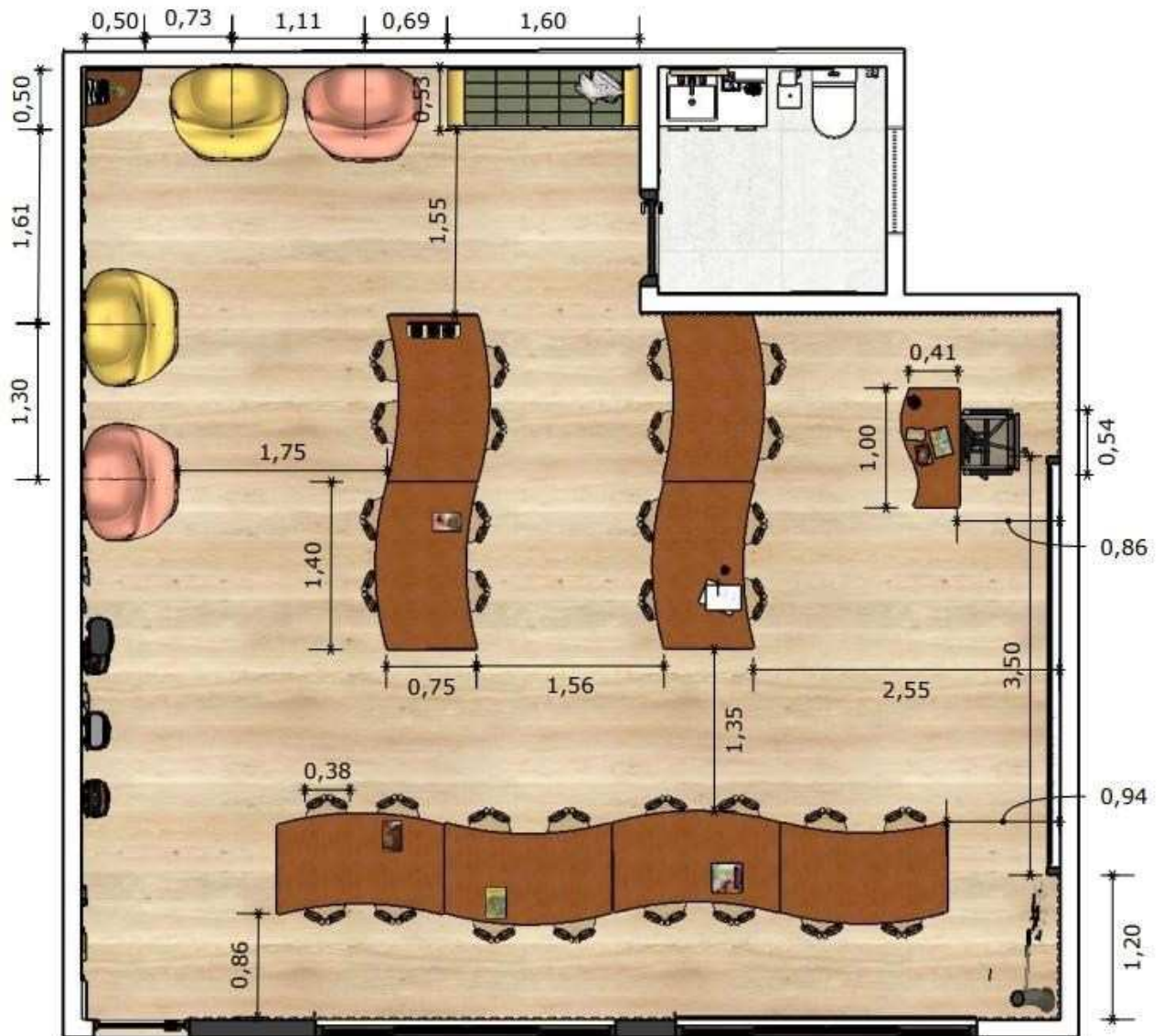
Figura 26 - Estudo 3: posição das mesas.



6 ESTUDO: POSIÇÃO 3
Escala 1/50

Fonte: Autora, 2025.

Figura 27 - Layout cotado.



2 LAYOUT COTADO
Escala 1/50

Fonte: Autora, 2025.

Esse processo de refinamento não apenas melhorou a funcionalidade do espaço, mas também tornou evidente a importância de se pensar o ambiente de forma holística. A integração entre os espaços de estudo, leitura e distração passou a ser pensada de forma que as crianças pudessem andar livremente entre as atividades, sem que o espaço fosse limitado por divisórias rígidas. O ambiente agora facilita a troca de experiências e promove a socialização, um aspecto fundamental para o desenvolvimento saudável e para a construção de vínculos afetivos, especialmente em contextos de acolhimento.

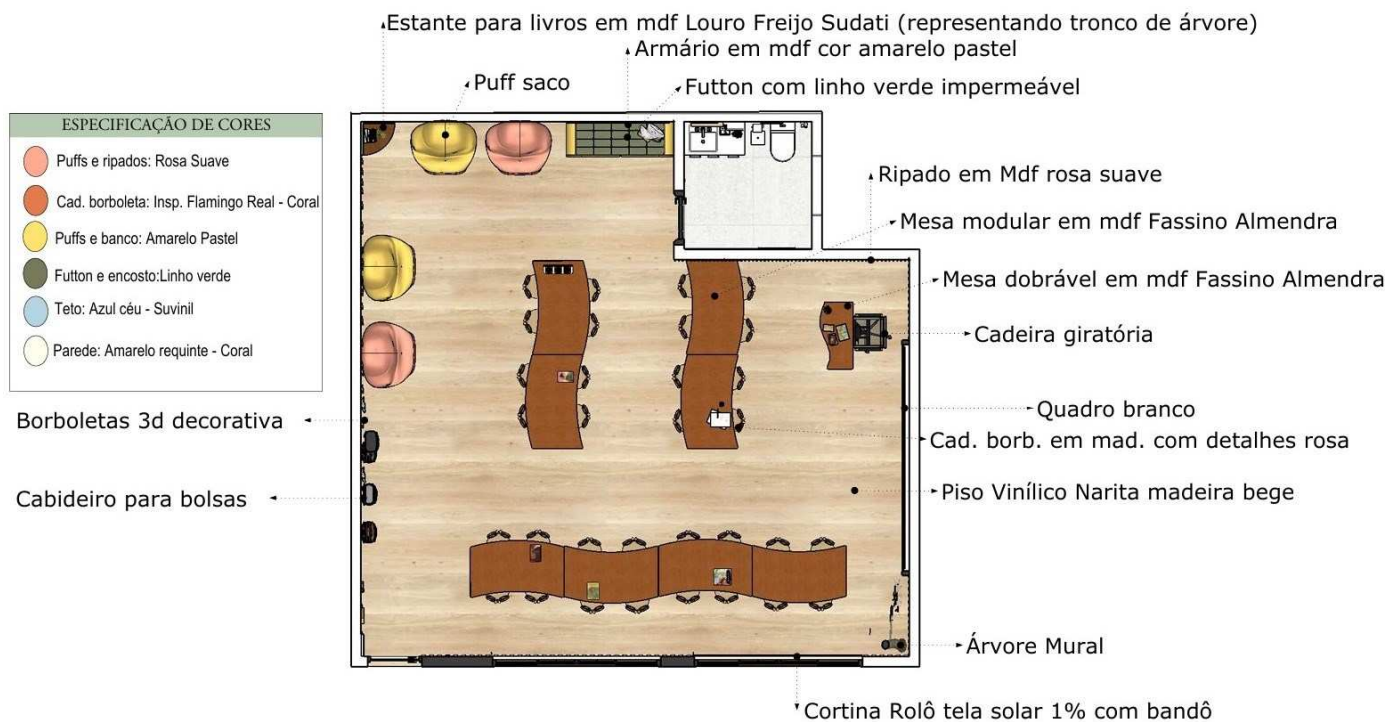
A flexibilidade do design também garante que o espaço se adapte à evolução das necessidades das crianças, permitindo ajustes conforme seu crescimento ou mudanças nas dinâmicas de aprendizado. Este aspecto se reflete diretamente no objetivo de criar um ambiente seguro e acolhedor, onde as crianças possam se expressar, aprender e, acima de tudo, sentir-se respeitadas em suas individualidades.

Com isso, o projeto não se limita a um mero espaço físico, mas se torna uma ferramenta pedagógica vital para o desenvolvimento, possibilitando que cada uma delas tenha a oportunidade de se desenvolver integralmente, com suporte emocional, social e intelectual adequado.

O espaço foi projetado com inspirações no conceito e elementos retirados do painel semântico, trazendo com ele um espaço acolhedor, leve e alegre como a borboleta, visando promover o melhor desenvolvimento das meninas acolhidas.

No piso, foi utilizado o piso vinílico por ser uma excelente escolha, justamente por suas diversas vantagens. Ele proporciona um ambiente seguro, confortável e fácil de manter. Trazendo com ele diversas características positivas como: conforto térmico e acústico - reduz ruídos e mantém a temperatura agradável; segurança - superfície antiderrapante, ideal para evitar quedas; fácil de limpar e manter - resistente a manchas e de fácil higienização; antialérgico e hipoalergênico - não acumula poeira ou ácaros, ajudando na saúde das crianças; resistente à umidade - evita danos por pequenos derramamentos de líquido (Ver Figuras 28).

Figura 28 - Planta baixa falada.



Fonte: Autora, 2025.

Para momentos de distração e leitura, foi criado um espaço especial com a composição de um banco e puffs em tons suaves, reforçando a sensação de aconchego, bem-estar e alegria. Esse cantinho convida as crianças a explorarem o mundo da imaginação de forma tranquila e confortável, contribuindo para o desenvolvimento da criatividade e do gosto pela leitura (Figura 28).

Um painel lúdico compõe o cenário visual de forma alegre e inspiradora, incorporando elementos simbólicos de transformação, como borboletas, flores, raios de sol e folhas. Esses recursos visuais estimulam a imaginação das crianças e contribuem para um ambiente acolhedor, criativo e propício ao aprendizado.

Foi utilizado mobiliário com linhas sinuosas, desenhadas com curvas suaves, que criam uma sensação de fluidez e movimento no espaço. Os móveis, leves e coloridos, apresentam estruturas simples e de fácil deslocamento, o que permite flexibilidade na organização da sala conforme as atividades propostas. Além disso, o uso de cadeiras com design em formato de borboletas acrescenta um toque lúdico e encantador, reforçando o caráter acolhedor e estimulante do ambiente infantil (Figura 28).

Combinando cores cuidadosamente selecionadas, o ambiente infantil se torna mais do que apenas um espaço funcional; transforma-se em um local cheio de energia positiva e aconchego, estimulando o desenvolvimento das crianças.

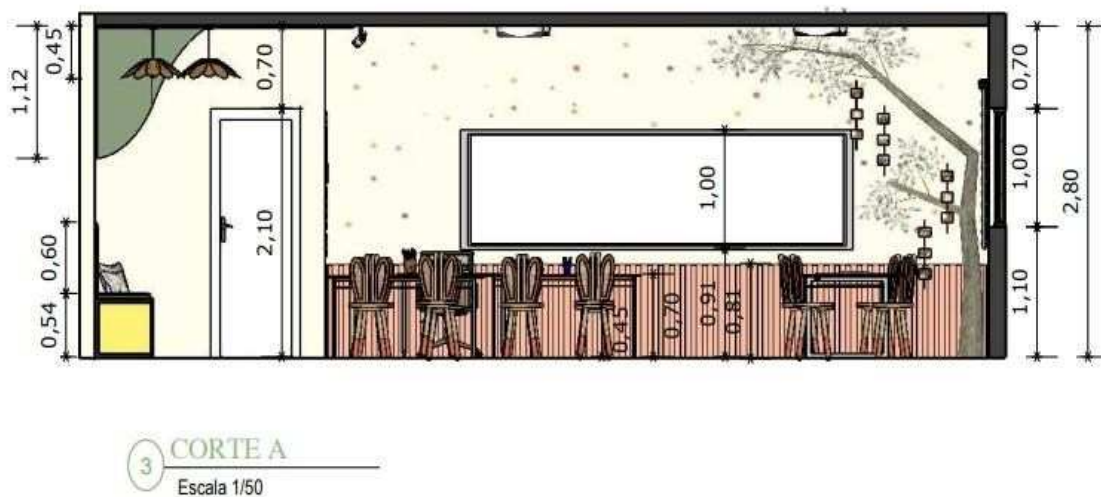
- **Amarelo (parede):** É uma cor energética e estimulante, frequentemente associada ao otimismo, à alegria e à criatividade. No ambiente infantil, ela pode ajudar a despertar a curiosidade e a comunicação.
- **Azul (teto):** Transmite tranquilidade e serenidade. Além de ser uma cor que está relacionada ao céu e ao mar, ela pode criar um ambiente calmo e relaxante, sendo ideal para o descanso e o foco das crianças.
- **Rosa (decorativo):** Muitas vezes associado à doçura e à ternura, o rosa promove uma sensação de acolhimento e carinho, criando um ambiente afetivo e seguro.
- **Verde (decorativo e mobiliário):** Estimulante e ao mesmo tempo relaxante, o verde está diretamente ligado à natureza e ao crescimento. Essa cor ajuda a equilibrar o ambiente, proporcionando uma sensação de harmonia e bem-estar.

O ambiente foi pensado de forma lúdica para estimular o desenvolvimento infantil, promovendo a criatividade, a concentração e o aprendizado por meio de cores suaves, texturas naturais e mobiliário adaptado. Cada elemento foi cuidadosamente selecionado para criar um espaço acolhedor e funcional, que incentive o engajamento nas atividades educativas.

Foi inserida no ambiente uma árvore composta por galhos naturais, com a função de compor a decoração de forma lúdica e afetiva. Além de seu valor estético, ela será utilizada para prender fotos, lembretes e formulários, funcionando como um painel interativo que estimula a organização e a memória visual das crianças (Figura 29).

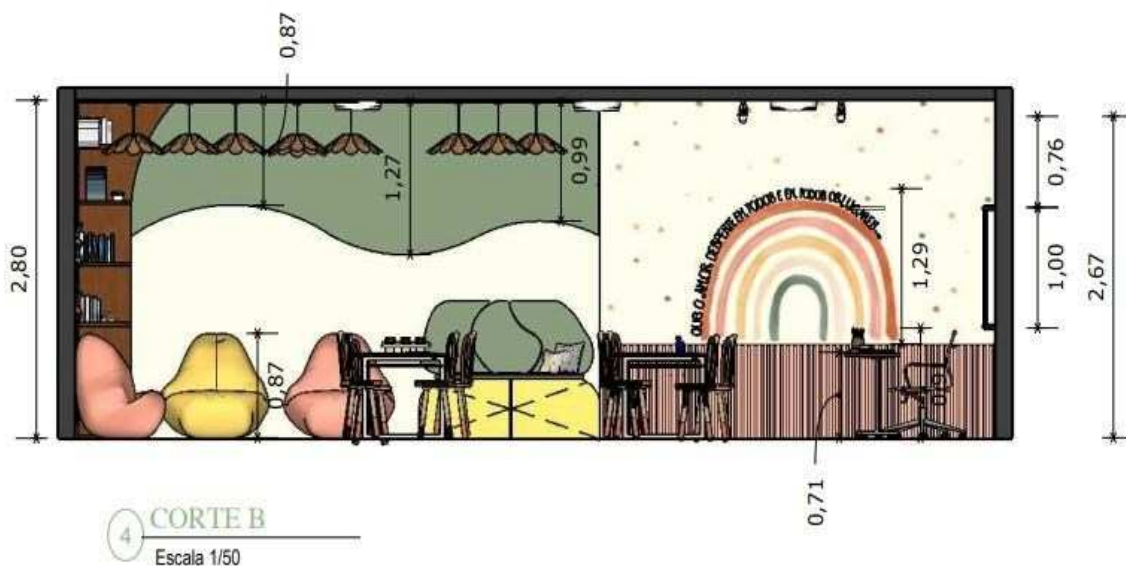
O quadro branco, também conhecido como lousa, foi inserido no ambiente com o objetivo de apoiar atividades pedagógicas e criativas. Ele serve como uma ferramenta visual que permite a escrita, o desenho e a exposição de conteúdos de forma prática e interativa. Ideal para anotações, explicações, exercícios ou até mesmo brincadeiras educativas, a lousa estimula a participação ativa da criança no processo de aprendizagem e reforça a fixação de conteúdos de maneira dinâmica.

Figura 29 - Corte A.



Fonte: Autora, 2025.

Figura 30 - Corte B.



Fonte: Autora, 2025.

Compondo o ambiente lúdico, foi aplicada na parede a pintura de um arco-íris com a frase “Que o amor desperte em todos e em todos os lugares...”, elemento que reforça a atmosfera alegre, acolhedora e estimulante do espaço. As cores foram escolhidas cuidadosamente para dialogar com a paleta suave do projeto,

promovendo sensações de bem-estar, criatividade e encantamento, especialmente pensadas para o público infantil (Figura 30).

Para reforçar o conceito natural do projeto, o tronco da árvore foi adaptado para funcionar como uma estante. Com prateleiras fixadas de maneira orgânica à sua estrutura, ele serve de apoio para livros, jogos e materiais pedagógicos. Essa solução criativa integra funcionalidade e estética, despertando o interesse das crianças e mantendo a harmonia com o restante do ambiente, que valoriza elementos naturais e lúdicos. Já as folhas da árvore foram utilizadas de forma estratégica para ajudar na delimitação do espaço de leitura. Suspensas sobre a área, elas criam uma espécie de cobertura simbólica, remetendo à sombra de uma árvore real. Esse recurso contribui para tornar o cantinho da leitura mais acolhedor e definido dentro do ambiente (Figura 31).

Figura 31 - Vista do acesso principal.



Fonte: Autora, 2025.

Optou-se por pendentês em formato de flores no ambiente, por representarem a principal fonte de alimento das borboletas, que pousam sobre as flores para extrair o néctar (Figura 31).

Do lado esquerdo, próximo à entrada da sala, foram instalados cabideiros com a função de acomodar as bolsas das acolhidas, promovendo organização e praticidade logo na chegada. Para compor o cenário, foram aplicados adesivos 3D de borboletas, que parecem voar em direção ao sol. Essa composição simbólica

remete à liberdade, ao crescimento e à leveza, reforçando a proposta acolhedora e transformadora do ambiente (Ver Figura 32).

Figura 32 - Vista árvore.



Fonte: Autora, 2025.

A iluminação do ambiente foi cuidadosamente projetada para atender às diferentes atividades propostas. Na área onde estão distribuídas as mesas, foram instalados plafons com luz branca, garantindo uma iluminação uniforme e adequada para o foco e a realização de tarefas escolares. Já na área de leitura, próxima à árvore decorativa, foram utilizados pendentês em formato de flores com acabamento em bambu e iluminação quente. Essa escolha proporciona uma atmosfera acolhedora e relaxante, ideal para momentos de distração e leitura. (Ver Figura 32).

Na parede, foi aplicado um revestimento em MDF ripado na cor rosa suave, inspirado no tom "Conto Infantil" da Coral, com o objetivo de delimitar o espaço de foco. Esse ambiente é destinado ao reforço escolar e ao desenvolvimento de atividades (Figura 33 e 34).

Figura 33 - Vista Estudo.



Fonte: Autora, 2025.

Figura 34 - Vista estudo 2.



Fonte: Autora, 2025.

Figura 35 - Vista estudo 3.



Fonte: Autora, 2025.

A mesa do(a) professor(a), posicionada próxima à parede com a pintura de arco-íris, foi escolhida cuidadosamente por sua característica flexível. Sua estrutura permite que seja facilmente deslocada de acordo com a dinâmica das atividades, ou até mesmo recolhida quando não estiver em uso. Essa versatilidade contribui para a adaptação do espaço às diferentes necessidades pedagógicas, mantendo a organização e otimizando o ambiente (Figura 35).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo preliminar é uma fase crucial no desenvolvimento de um projeto de design de interiores, pois permite compreender tanto o problema quanto às necessidades do cliente. Essa etapa inicial possibilita visualizar as ideias que servirão como ponto de partida para o projeto, além de delinear as primeiras fases do processo de criação do ambiente. O objetivo principal é identificar a finalidade do espaço, com suas ações e funções resumidas em um cronograma básico. Esse cronograma serve como um guia para o andamento do projeto, ajudando a organizar as etapas e garantir que todos os requisitos sejam atendidos ao longo do desenvolvimento do ambiente.

O trabalho teve como objetivo desenvolver o estudo preliminar para a sala de aula da instituição Lar Encanto, com base nos princípios do Design de Interiores, tendo como foco principal o usuário: meninas acolhidas. A proposta visou compreender as necessidades específicas do ambiente, levando em consideração o bem-estar e a funcionalidade do espaço para as crianças e jovens atendidas pela instituição.

Durante o processo de desenvolvimento do projeto, as principais limitações identificadas foram relacionadas à organização do ambiente e à escolha dos materiais. A restrição de espaço na sala representou um desafio significativo, exigindo uma análise cuidadosa sobre a melhor forma de propor um layout funcional e adaptado às necessidades do uso.

Essa realidade evidenciou a importância de encontrar um equilíbrio entre funcionalidade, conforto e viabilidade. O desafio impulsionou a busca por soluções criativas e adaptações inteligentes, capazes de garantir um ambiente acolhedor e eficiente, mesmo diante das restrições.

A proposta visou não apenas criar um ambiente funcional e acolhedor, mas também promover o desenvolvimento social, pessoal e cognitivo para atender às necessidades específicas das crianças e jovens. O ambiente foi planejado para proporcionar conforto físico, estímulos emocionais positivos e um ambiente propício ao aprendizado, respeitando o bem-estar e a interação social das meninas acolhidas.

O processo de metamorfose pode ser cheio de desafios, mas também é um momento de descoberta pessoal e fortalecimento. Assim como a borboleta, as

jovens ganham asas para explorar novos horizontes e conquistar novos sonhos. O apoio e acolhimento no Lar Encanto são fundamentais para que elas possam passar por essa transição com segurança, confiança e autoestima.

O paralelo com a metamorfose da borboleta é particularmente forte, pois reflete a transformação que ocorre não só no ambiente físico, mas também no emocional e no psicológico das jovens, oferecendo-lhes a oportunidade de desenvolver as "asas" para se expressarem, aprenderem e se prepararem para voar em direção a um futuro mais promissor. A acolhida no Lar Encanto, acompanhada de um ambiente projetado com tanto cuidado, desempenha um papel fundamental nesse processo de metamorfose, proporcionando segurança e confiança em um momento de grande importância na vida dessas meninas. Essa abordagem no estudo preliminar não só visa resolver questões práticas, mas também se dedica a criar um espaço significativo que apoie o bem-estar, a evolução e o empoderamento das jovens, respeitando suas histórias e preparando-as para desafios da vida adulta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAMEIDA, M.V.L. **Design Social: Definição constituída no complexo social.** Estudos em Design. Edição especial. Joinville SC (2018). Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/595/320>. Acesso em: 10 de Nov de 2021.

ANTICO, Bruna; ABUD, Gilberto; LUIZ, Reginaldo. **Aplicação no ambiente escolar e nos estudos.** Revista foco, 2023. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/plugins/generic/pdfJsViewer/pdf.js/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Fojs.focopublicacoes.com.br%2Ffoco%2Farticle%2Fdownload%2F2724%2F1731%2F5155>. Acesso em 30 de Agosto de 2024.

BARBOSA, Paula; JOSÉ, Edson. **O que é o Design de Interiores.** Estudos em design. Revista online. Rio de Janeiro (2020). Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/885/408#> . Acesso em: 01 de Nov de 2021.

CARVALHO, Leandro. **História do abandono de crianças no Brasil.** Escola Kids, [20--]. Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/historia/historia-do-abandono-de-criancas-no-brasil.htm>. Acesso em: 18 de Outubro de 2021.

CEPPI, Giulio; ZINI, Michele. **Criança, espaço, relações – como projetar ambientes para a educação infantil.** São Paulo: Editora Livia Allgayer Freitag, 2013.

Comitê pela Cidadania. **O que é instituição social.** 2020. Disponível : <https://comitepelacidania.org/o-que-e-instituicao-social/>. Acesso em: 10 de Nov de 2021.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 1991.

FERNANDA, Keyla. **A importância do papel da instituição de acolhimento na vida das crianças acolhidas.** Acrida, 2020. Disponível em: <https://www.acridas.org.br/a-importancia-do-papel-da-instituicao-de-acolhimento-na-vida-das-criancas-acolhidas/>. Acesso em 18 de Out de 2021.

FRANCO, Daniella; PERES, Edimilson; PERES, Eribelto. **Roda dos Expostos: 200 anos de “assistência” a infância pobre e dita abandonado no Brasil.** Instituto bexiga, 2021. Disponível em: <https://institutobixiga.com.br/roda-dos-expostos-a-instituicao-mais-duradoura-destinada-a-infancia-pobre-e-dita-abandonada-no-brasil/>. Acesso em 24 de Novembro de 2021.

FORNASIER, Cleuza; MARTINS, Rosane; EUGENIO, Merino. **Da responsabilidade social imposta ao design movido pela razão.** 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277050542_Da_responsabilidade_social_imposta_ao_design_social_movido_pela_razao. Acesso em : 24 de Nov de 2021.

HORN, Maria da Graça. **Sabores, cores, sons, aromas – a organização dos espaços na educação infantil.** São Paulo: ARTMED, 2004.

LIBA, Alexandre. **A influência da arquitetura escolar no aprendizado.** Liba, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s9Yo7FC-6co>. Acesso em: 24 maio 2022.

MCO. **Acolhimento institucional em Maceió.** Mco, 2023. Disponível em: <https://maceio.com.br/maceio/acolhimento-institucional-em-maceio-prefeitura-reinaugura-abrigos-para-criancas-e-adolescentes-em-2023/> . Acesso em 27 de Agosto de 2024.

MEDEIROS, Juliana. **Acolhimento instuticional: O que é e quais modalidades.** Gesuas, 2015. Disponível em: <https://www.gesuas.com.br/blog/acolhimento-institucional/>. Acesso em: 18 de Out de 2021.

OLIVEIRA, Lorena; RESENDE, Ana. **Estudo de Sintomas Depressivos em Crianças sob situação de Acolhimento Institucional.** Pepsic, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472016000100008. Acesso em: 08 de Dez de 2021.

OLIVEIRA, Rodrigo César de; **Design e Ergonomia no mobiliário infantil.** Conic, 2013. Disponível em: <https://conic-semesp.org.br/anais/files/2013/trabalho-1000015275.pdf>). Acesso em 27/mai/2022

OLIVEIRA, João. **Desenvolvimento infantil: o que desenvolve.** Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2017.

PASTORE, José. **O papel das Instituições no desenvolvimento.** Scielo,2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/pF8sbsH7GDjykp3f3L6SkFG/?lang=pt#>. Acesso em: 10 de Nov de 2021.

PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth. **Desenvolvimento humano.** São Paulo: Editora AMGH, 2013.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (Brasil). Governo do Brasil. **Exercício da profissão do Design de Interiores.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13369.htm. Acesso em: 18 de Out de 2021.

RESENDE, Diana. **Roda dos expostos: Um caminho para a infância abandonada.** Ufsj, [20--]. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/paginas/temposgeraisantigo/n1/artigos/roda.pdf>. Acesso em : 24 de Nov de 2021.

SEADES. **Serviço de acolhimento institucional.** Seades, [20--]. Disponível em: <https://www.assistenciasocial.al.gov.br/superintendencia/superintendencia-de-assistencia-social/gerencia-da-protecao-social-especial/alta-complexidade/servico-de-acolhimento-institucional>. Acesso em 27 de Agosto de 2024.

UNICEF (Brasil). **Convenção sobre os direitos da criança**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 18 de Out de 2021.

Metamorfose

" A criança é a alegria como o raio de sol e estímulo como a esperança."
- Coelho Neto

PROJETO: Sala de estudos

CLIENTE: Lar Encanto

FASE: Estudo preliminar

ADRYELE ARAÚJO
Interiores

PAINEL SEMÂNTICO

METAMORFOSE

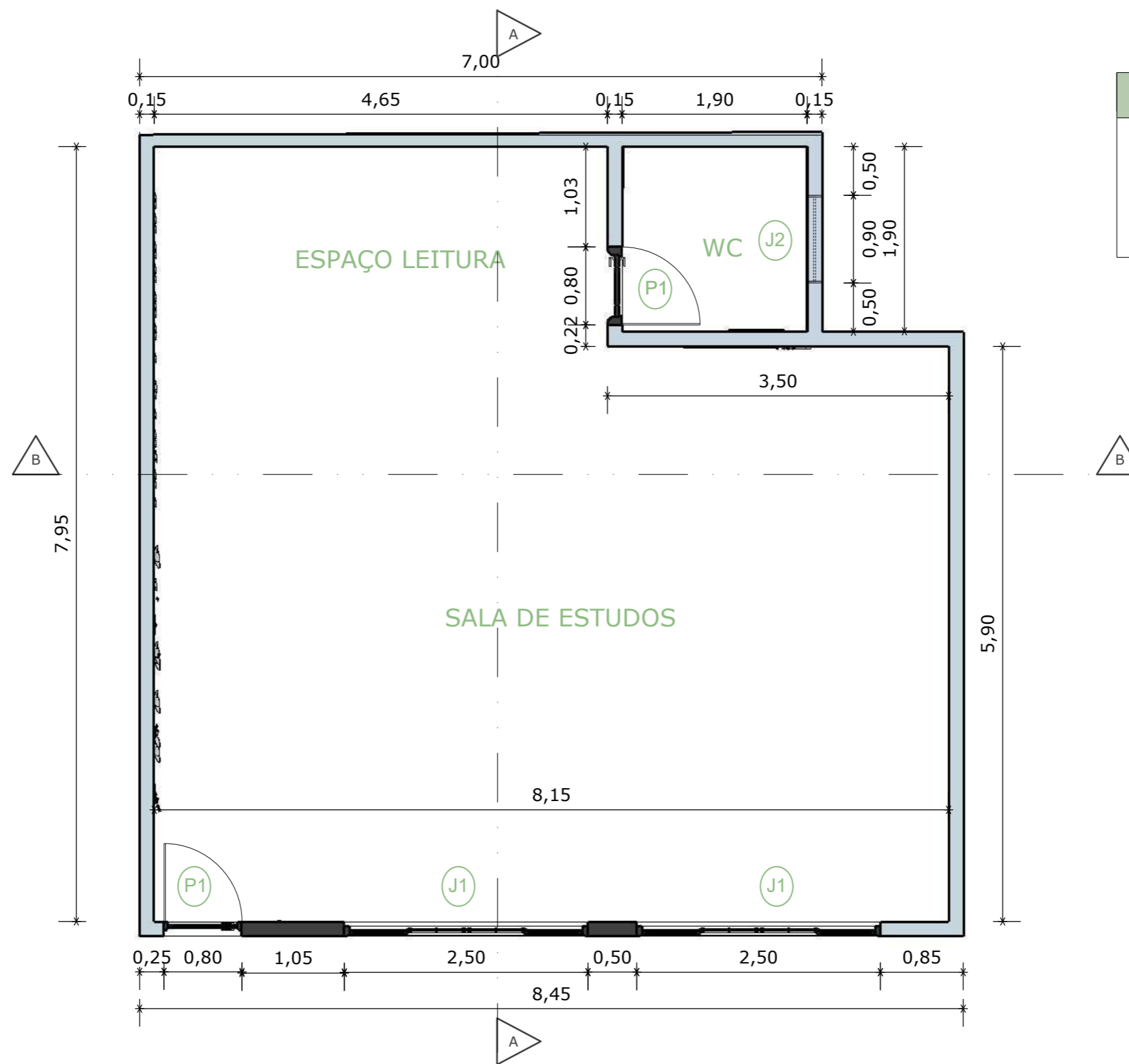


Que o amor
desperte em todos
e em todos os lugares.



MOODBOARD

METAMORFOSE

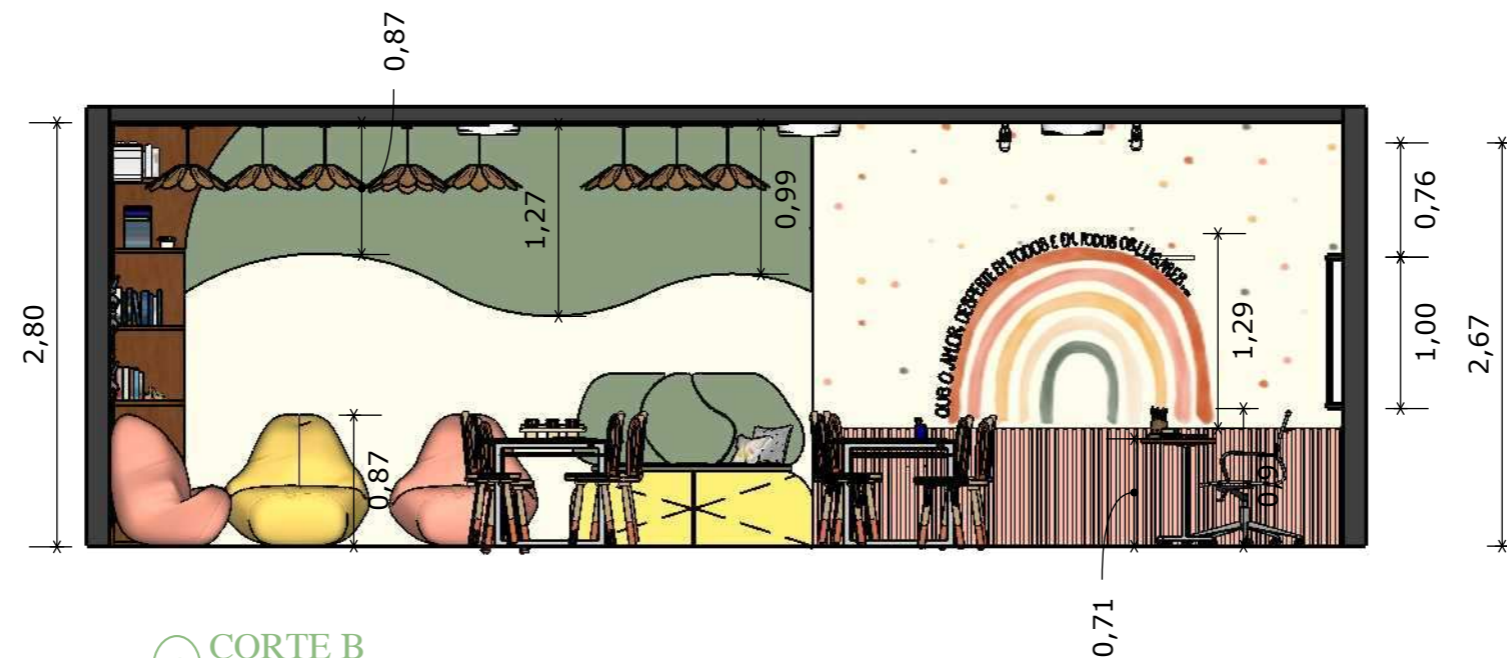


LEGENDA
P1 - 0,80 x 2,10
J1 - 2,50 x 1,00 / 1,10
J2 - 0,90 x 0,60 / 1,60

1 PLANTA BAIXA COTADA
Escala 1/50



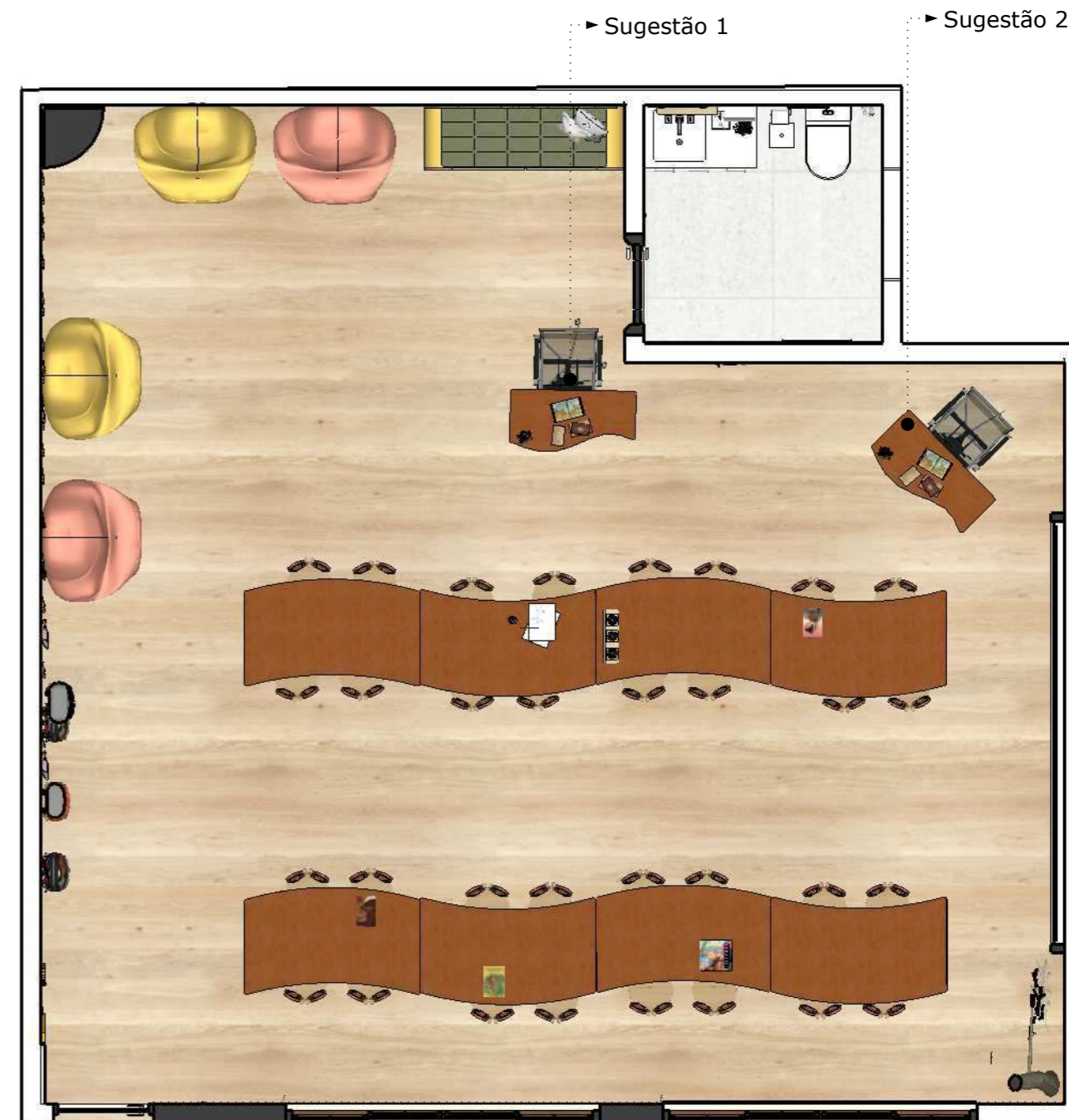
3 CORTE A
Escala 1/50



4 CORTE B
Escala 1/50



5 ESTUDO: POSIÇÃO 2
Escala 1/50



6 ESTUDO: POSIÇÃO 3
Escala 1/50

PLANTA BAIXA FALADA

↳ Estante para livros em mdf Louro Freijo Sudati (representando tronco de árvore)

↳ Armário em mdf cor amarelo pastel

↳ Puff saco

↳ Futton com linho verde impermeável

ESPECIFICAÇÃO DE CORES

- ↳ Puffs e ripados: Rosa Suave
- ↳ Cad. borboleta: Insp. Flamingo Real - Coral
- ↳ Puffs e banco: Amarelo Pastel
- ↳ Futton e encosto: Linho verde
- ↳ Teto: Azul céu - Suvinil
- ↳ Parede: Amarelo requinte - Coral



↳ Ripado em Mdf rosa suave

↳ Mesa modular em mdf Fassino Almendra

↳ Mesa dobrável em mdf Fassino Almendra

↳ Cadeira giratória

↳ Quadro branco

↳ Cad. borb. em mad. com detalhes rosa

↳ Piso Vinílico Narita madeira bege

↳ Árvore Mural

↳ Borboletas 3d decorativa

↳ Cabideiro para bolsas

↳ Cortina Rolô tela solar 1% com bandô

RENDER









